



# **A Necessidade de Habitar Reconstrução do Bairro Social Francisco Simões**

**Pedro Fernando Martins Torrinha**

Dissertação para obtenção do Grau Mestre em  
**Arquitetura**

Orientador: Prof. Doutor José da Silva Neves Dias

**Setembro de 2020**

**Folha em branco**

# Agradecimentos

Pai

Mãe

Irmã

Prof. Doutor José da Silva Neves Dias

Augusto Domingues

Bruna Rolan

João Moreira

Ricardo Ferreira

Pedro Rego

Jéssica Sousa

Joana Azevedo

João Ferreira

João Freitas

Jorge Freitas

Rafael Silva

Vítor Ribeiro

**Folha em branco**

## **Resumo**

A temática habitacional é e será sempre um tema recorrente, tanto na sociedade como na arquitetura. A habitação é um bem essencial à vivência individual e social do ser humano e um direito consagrado pelo Artigo 65º da Constituição da República Portuguesa: “Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto, e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar”.

Assim, a presente dissertação consiste na apresentação de um projeto de reconstrução do bairro social Francisco Simões, inserido em contexto urbano, no concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga. Neste projeto, o bairro social é constituído por vinte habitações sociais e uma área de apoio comunitário. A questão da habitação social é um assunto muito delicado, uma vez que é destinado às famílias carenciadas e com baixos recursos económicos, sendo este o único suporte facultado para maximizar as condições das suas habitações. As habitações foram projetadas com base em questionários realizados aos moradores do bairro e presidente da junta de freguesia, bem como através da análise do estilo de vida e tipo de convivência entre os moradores.

Segundo o conceito de habitação social, esta não deve ser simplesmente um conjunto de aglomeração de casas, em que a principal motivação seja oferecer o maior número de fogos possíveis, pois assim não estaremos a zelar pelo estado espírito das pessoas. As habitações sociais devem sempre satisfazer as necessidades da população. O esforço no sentido de produzir um instrumento de análise sobre as necessidades sociais em termo de moradia, apresenta-se como uma iniciativa para a formulação de uma base de parâmetros necessários na localidade sobre a questão da habitação. Esses parâmetros de necessidade, por sua vez, são baseados nas condições que o bairro apresenta, nas experiências e rotinas dos seus moradores, que serão os fundamentos do projeto destinado a satisfazer as necessidades do habitar.

## **Palavras-chave**

Bairro Social;Reconstrução;Necessidade Habitacional;Espaços Comunitários;Habitação Social.

**Folha em branco**

# Abstract

The housing theme is and will always be a recurring theme, both in society and in architecture. Housing is an essential asset to the individual and social experience of the human being and a right enshrined in Article 65 of the Constitution of the Portuguese Republic: “Everyone has the right, for themselves and their family, to adequate housing, in conditions of hygiene and comfort, and that preserves personal intimacy and family privacy”.

Thus, the present dissertation consists of the presentation of a project for the reconstruction of the Francisco Simões social district, inserted in an urban context, in the municipality of Vila Nova de Famalicão, district of Braga. In this project, the social district consists of twenty social housing units and a community support area. The issue of social housing is a very delicate issue, since it is aimed at families in need and with low economic resources, this being the only support provided to maximize the conditions of their housing. The houses were designed based on questionnaires made to the residents of the neighborhood and president of the parish council, as well as through the analysis of the lifestyle and type of coexistence among the residents.

According to the concept of social housing, this should not be just an agglomerated number of houses, in which the main motivation is to offer the largest possible number of houses, as this way we will not be watching over the people's state of mind. Social housing must always satisfy the needs of the population. The effort to produce an analysis instrument on social needs in terms of housing, presents itself as an initiative for the formulation of a base of parameters needed in the locality on the issue of housing. These need parameters, in turn, are based on the conditions that the neighborhood presents, on the experiences and routines of its residents, which will be the foundations of the project aimed at meeting the needs of the inhabitants.

## Keywords

Social Neighborhood; Reconstruction; Housing Need; Community Space; Social Habitation.

**Folha em branco**



# Índice

## Capítulo I

### 1 Introdução

1.1 Justificação da Temática	1
2.1 Objetivos	1
3.1 Metodologia	2
4.1 Estrutura	2

## Capítulo II

### 2 Contextualização Geográfica

2.1 Contextualização Local	4
----------------------------	---

## Capítulo III

### 3 Lugar

3.1 Enquadramento Urbano e Envolvente	7
3.2 Morfologia do Bairro	8
3.3 Levantamentos Realizados	9
3.4 Análise do Bairro	11
3.4.1 Interior	11
3.4.2 Exterior	13
3.4.3 Problemas Presentes no Bairro	16
3.5 Considerações Finais	17

## Capítulo IV

### 4 Habitação de Interesse Social

4.1 Habitação	19
4.2 Breve enquadramento histórico da HIS em Portugal	21
4.3 Problemática Habitacional	25
4.3.1 Identidade Sociocultural	25
4.3.2 Integração Social	26
4.3.3 Social e Política	27
4.3.4 A Pobreza nos Bairros Sociais	28
4.4 A Importância da Integração Urbana e Social	28
4.5 O Espaço Público na Habitação Social	29

## Capítulo V

### 5 Da Habitação ao Habitar

5.1 O Arquiteto e a Habitação	33
5.2 Habitar do Espaço Interior	34
5.3 A Qualidade Habitacional	35
5.3.1 Funções e Exigências dos Espaços Habitacionais	37

## **Capítulo VI**

### 6 Proposta

6.1 Conceito	45
6.2 Distribuição Funcional	51
6.3 Caracterização Construtiva	53
6.3.1 Sistema Estrutural	53
6.3.2 Revestimento Exterior, Acabamentos, Pavimentos	54
6.3.3 Carpintaria e Serralharia	54

## **Capítulo VII**

7.1 Conclusão	56
---------------	----

<b>Referências Bibliográficas</b>	58
-----------------------------------	----

<b>Anexos</b>	61
---------------	----

Anexo I Questionário ao Presidente da Junta de Freguesia de Joane	62
---	----

Anexo II Questionário aos Moradores do Bairro Social	64
--	----

Anexo III Declaração de consentimento informado	72
---	----

**Folha em branco**

# Lista de Figuras

Figura 1 - Mapa de localização e identificação da Região Fonte: <a href="https://www.cm-vnfamalicao.pt/como-chegar">https://www.cm-vnfamalicao.pt/como-chegar</a>	4
Figura 2 - Mapa de localização e identificação da freguesia de Joane Fonte: <a href="https://www.cm-vnfamalicao.pt/como-chegar">https://www.cm-vnfamalicao.pt/como-chegar</a>	4
Figura 3 – Planta de Implantação da freguesia de Joane e localização do lugar Fonte: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão	5
Figura 4 – Imagem aérea da envolvente do lugar Fonte: Autor, com intervenção do Google Maps	7
Figura 5 – Planta de Implantação Fonte: Autor	10
Figura 6 – Seleção de Fotografias do Levantamento Interior Fonte: Autor	11
Figura 7 – Seleção de Fotografias do Levantamento Interior Fonte: Autor	12
Figura 8 – Seleção de Fotografias do Levantamento Interior Fonte: Autor	12
Figura 9 – Seleção de Fotografias do Levantamento Interior Fonte: Autor	12
Figura 10 – Seleção de Fotografias do Levantamento Exterior Fonte: Autor	13
Figura 11 – Seleção de Fotografias do Levantamento Exterior Fonte: Autor	13
Figura 12 – Seleção de Fotografias do Levantamento Exterior Fonte: Autor	14
Figura 13 – Seleção de Fotografias do Levantamento Exterior Fonte: Autor	15
Figura 14 – Esquema do Programa Habitacional Fonte: Autor	22
Figura 15 – Bairro do Arco Cego Fonte: <a href="https://journals.openedition.org/lerhistoria/1413">https://journals.openedition.org/lerhistoria/1413</a>	23
Figura 16 – Bairro do Alto da Ajuda Fonte: CROFT, Vasco - Arquitetura e Humanismo O papel do arquiteto, hoje em Portugal, Ed. Terramar, Lisboa, 2001, p.280	23
Figura 17 - Planta do bairro Kiefhoek, Roterdão, Jacobus Johannes Pieter Oud Fonte: <a href="https://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/361014">https://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/361014</a>	30

Figura 18 - Vista Aérea do Bairro	30
Fonte: <a href="https://regi.tankonyvtar.hu/hu/tartalom/tamop412A/20110055_low_rise_high_density/ch05.html">https://regi.tankonyvtar.hu/hu/tartalom/tamop412A/20110055_low_rise_high_density/ch05.html</a>	
Figura 19 - Vista dos Pátios Privativos entre Habitação	30
Fonte: <a href="https://regi.tankonyvtar.hu/hu/tartalom/tamop412A/20110055_low_rise_high_density/ch05.html">https://regi.tankonyvtar.hu/hu/tartalom/tamop412A/20110055_low_rise_high_density/ch05.html</a>	
Figura 20 - Esquema 1 – Qualidade Habitacional	36
Fonte: Autor	
Figura 21 – Esquema 2 – Qualidade Habitacional	36
Fonte: Autor	
Figura 22 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização dos quartos	38
Fonte: Nuno Martins Portas, “Funções e Exigências de Áreas de Habitação”, Lisboa: Laboratório Nacional Engenharia Civil, 1969	
Figura 23 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização dos quartos	39
Fonte: Nuno Martins Portas, “Funções e Exigências de Áreas de Habitação”, Lisboa: Laboratório Nacional Engenharia Civil, 1969	
Figura 24 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de cozinha para preparação de refeições	40
Fonte: Nuno Martins Portas, “Funções e Exigências de Áreas de Habitação”, Lisboa: Laboratório Nacional Engenharia Civil, 1969	
Figura 25 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de cozinha para refeições e lavagem	40
Fonte: Nuno Martins Portas, “Funções e Exigências de Áreas de Habitação”, Lisboa: Laboratório Nacional Engenharia Civil, 1969	
Figura 26 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de zona de estar	41
Fonte: Nuno Martins Portas, “Funções e Exigências de Áreas de Habitação”, Lisboa: Laboratório Nacional Engenharia Civil, 1969	
Figura 27 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de zona de estudo	42
Fonte: Nuno Martins Portas, “Funções e Exigências de Áreas de Habitação”, Lisboa: Laboratório Nacional Engenharia Civil, 1969	
Fig. 28 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização tratamentos de roupa	43
Fonte: Nuno Martins Portas, “Funções e Exigências de Áreas de Habitação”, Lisboa: Laboratório Nacional Engenharia Civil, 1969	
Fig. 29 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de casa de banho	43
Fonte: Nuno Martins Portas, “Funções e Exigências de Áreas de Habitação”, Lisboa: Laboratório Nacional Engenharia Civil, 1969	

Figura 30 – Esquema - Interação com Pátios Fonte: Autor	48
Figura 31 – Esquema - Sistema Construtivo Fonte: Autor	48
Figura 32 - Esquema - Alargamento de Rua Fonte: Autor	48
Figura 33 – Esquema - Muro de Contenção Fonte: Autor	48
Figura 34 – Esquema de Proposta Fonte: Autor	49
Figura 35 - Esquema – Organização Tipologia T1 Fonte: Autor	50
Figura 36 - Esquema – Organização Tipologia T2 Fonte: Autor	50
Figura 37 - Esquema – Organização de Área de apoio à Comunidade Fonte: Autor	50
Figura 38 - Esquemas – Divisão Habitacional Fonte: Autor	51
Esquema 39 – Divisória da Área Social Fonte: Autor	51
Esquema 40 – Sistema Estrutural – Habitação Fonte: Autor	52
Esquema 41 – Sistema Estrutural – Área Comunitária Fonte: Autor	52

**Folha em branco**

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Problemas Presentes no Bairro Fonte: Autor	16
Tabela 2 – Vantagens da Reconstrução Fonte: Autor	46
Tabela 3 – Desvantagens Reconstrução Fonte: Autor	47
Tabela 4 – Distribuição da Área Habitacional Fonte: Autor	51
Tabela 5 – Distribuição da Área Social Fonte: Autor	52



**Folha em branco**

# **Lista de Acrónimos**

Arq. – Arquiteto

Art. – Artigo

FFH – Fundo de Fomento de Habitação

Fig. – Figura

HIS – Habitação de Interesse Social

IHRU – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

INH – Instituto Nacional de Habitação

I.S – Instalação Sanitária

JF – Junta de Freguesia

RGEU – Regulamento Geral da Edificações Urbanas

SAAL – Serviço Ambulatório de Apoio Local

UBI – Universidade da Beira Interior

V.N.F – Vila Nova de Famalicão

**Folha em branco**

# Capítulo I

## Introdução

### 1.1 Justificativa da Temática

A questão da habitação social é um assunto muito delicado, uma vez que se destina às famílias carenciadas e com baixos recursos económicos, sendo este o único suporte facultado, na tentativa de oferecer uma habitação com melhores condições. A temática aplica-se a um bairro social existente na freguesia onde o autor habita, sito na Rua de Santo António, freguesia de Joane, concelho de V.N de Famalicão.

Este bairro social, originalmente designado Bairro Social Francisco Simões, dá-se pelo nome de “bairro dos pobres”, devido às fracas condições que este apresenta.

A seleção desta temática surgiu, portanto de interesse pessoal, uma vez que até aos dias de hoje é um dos grandes problemas da freguesia de Joane. Para além disso, o atual estado de degradação do bairro foi um dos fatores que mais sensibilizou o autor para este projeto, uma vez que esta degradação influencia a forma de habitar destas pessoas, e consequentemente, a sua qualidade de vida.

Por outro lado, o facto de o autor pertencer à comunidade em que o bairro social se insere, traz um maior conhecimento sobre os hábitos e costumes desta comunidade, para este projeto, bem como um sentimento de responsabilidade em contribuir de forma positiva para a melhoria das condições de vida das pessoas que o rodeiam.

### 1.2 Objetivos

O principal objetivo da presente dissertação é apresentação de um projeto de reconstrução do bairro social Francisco Simões, na freguesia de Joane.

Para isso, entendeu-se a necessidade de uma análise crítica acerca das condições presentes no bairro, nomeadamente através da implementação de questionários para compreender melhor as dificuldades enfrentadas pelos moradores no dia a dia.

Este trabalho inicial tem como objetivo melhorar e satisfazer boa parte das condições necessárias face ao quotidiano dos moradores do bairro e promover atividades e práticas sociais, onde seja possível oferecer à comunidade joanense e a outros bairros, a possibilidade de convivência social interna.

Com isto em mente, adotam-se conceitos de otimização do espaço. Desta forma, espera-se evidenciar a importância dos bens essenciais para habitar em espaços sociais, dando assim resposta aos problemas concretos. Estas dificuldades resolvem-se através de uma continuidade de espaços tanto privados como sociais, proporcionando conforto familiar e qualidade espacial da habitação, através do modo de (re)pensar o espaço, tanto a nível funcional como construtivo, como do seu programa funcional, como na seleção criteriosa dos materiais, trazendo um maior envolvimento e harmonia para o bairro.

### **1.3 Metodologia**

Para esta dissertação desenvolveu-se uma metodologia da qual fazem parte cinco fases.

Na primeira fase realiza-se um enquadramento teórico, com o objetivo de aprofundar a temática em causa, tendo como base a pesquisa bibliográfica realizada.

Na segunda fase, procede-se à recolha documental do caso em estudo, onde serão adquiridos levantamentos topográficos, cartográficos e fotográficos do local a intervir, sendo a principal fonte de recolha documental, o Arquivo Municipal de Vila Nova de Famalicão.

Seguidamente, estuda-se a organização das tipologias das casas existentes, bem como o seu dimensionamento, e procura-se compreender o excesso da construção “à posteriori”, como resposta face às necessidades dos moradores.

Na quarta fase, analisa-se a prática funcional e arquitetónica do caso em estudo, de forma a compreender o bairro social Francisco Simões e a identificar possíveis soluções para os seus problemas. Com isso, desenvolveu-se um questionário, dirigido aos moradores do bairro e ao presidente da junta de freguesia de Joane, no sentido de os integrar ativamente no projeto e conceder-lhes um papel ativo na identificação das necessidades do bairro.

Por fim, na última fase, procede-se à apresentação da proposta elaborada, bem como das soluções idealizadas para resolver as problemáticas que caracterizam o local, principalmente ao nível habitacional e social.

### **1.4 Estrutura**

A presente dissertação encontra-se dividida em três partes.

A primeira parte consiste na interpretação da área de intervenção, que engloba o segundo e terceiro capítulo. Nestes, é abordado, respetivamente, a contextualização geográfica da área de intervenção e o lugar em concreto, através da investigação e análises realizadas, referindo os seus problemas.

A segunda parte compreende os quarto e quinto capítulos, e aborda as temáticas habitacionais, explicando os conceitos de habitar e a importância do bem-estar dos moradores.

A terceira e última parte, referente ao sexto capítulo, expõe o exercício prático da proposta de intervenção, assim como a respetiva memória descritiva. Nela se aborda a justificativa da temática, referindo os prós e contras da reconstrução, bem como os critérios relevantes da reestruturação de todo o bairro, expondo esquemas de organização geral, por um lado e do sistema construtivo, por outro.

**Folha em branco**

# Capítulo II

## 2 Contextualização Geográfica

Neste capítulo pretende-se enquadrar geograficamente o local a intervir, através de uma breve descrição da freguesia de Joane, concelho de Vila Nova de Famalicão. Serão abordados aspetos como o seu enquadramento geográfico, a sua morfologia, dados populacionais e ainda a caracterização climática.

Torna-se fundamental fazer uma breve referência, em forma de síntese, à evolução da malha urbana desta cidade, como forma de introdução e esclarecimento da intervenção proposta.

### 2.1. Contextualização Local

A freguesia de Joane (fig.1 e 2) é o local onde está inserida a proposta desta dissertação (o Bairro Social Francisco Simões (fig.3)), e tem como sede do seu concelho a cidade de Vila Nova de Famalicão, Distrito de Braga, Região do Norte de Portugal e sub-região do Vale do Ave.

O concelho de Vila Nova de Famalicão está subdividido em trinta e quatro freguesias (onze uniões de freguesia e vinte e três Juntas de Freguesia).



Figura 1 - Mapa de localização e identificação da Região

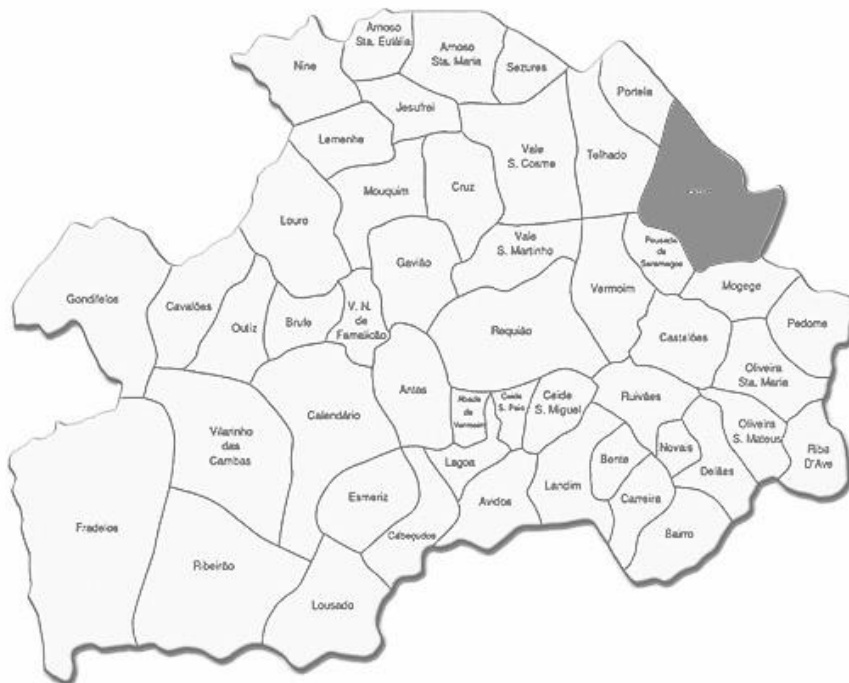


Figura 2 - Mapa de localização e identificação da freguesia de Joane

Devido ao seu posicionamento estratégico, Famalicão é hoje mencionado como um dos principais centros culturais, comerciais e industriais do país. Vila Nova de Famalicão acolhe a sede das maiores e melhores empresas do país, em vários setores da indústria: no têxtil, nos pneus, no vestuário, no setor alimentar e na construção de obras públicas. A força da sua indústria diversificada e a dinâmica socioeconómica são características de destaque a nível nacional e internacional. Com uma rica e variada tradição cultural, que remonta aos tempos pré-históricos, Famalicão afirma-se com uma personalidade própria e bem definida.

A Freguesia de Joane encontra-se a 11Km do centro de Famalicão e é hoje um importante ponto de passagem de tráfego rodoviário, em parte devido à existência da via intermunicipal que liga, em poucos minutos, a Vila de Joane a Vizela.

Ao longo do ano, as temperaturas da freguesia de Joane variam entre 5°C e 27°C e raramente são inferiores a 1°C ou superiores a 33°C. O verão é curto, morno e seco, enquanto que o inverno caracteriza-se por uma temperatura fresca e precipitação moderada.

Em termos populacionais, a vila de Joane tem cerca de 8 089 habitantes, numa área de 7 250 km<sup>2</sup>. A sua densidade populacional é de 1 115 habitante/km<sup>2</sup>.



Figura 3 – Planta de Implantação da freguesia de Joane e localização do lugar



**Folha em branco**

# Capítulo III

## 3 Lugar

Este capítulo aborda o conceito de lugar, tal como as características do lugar em questão. Assim, serão feitas breves abordagens acerca do seu enquadramento urbano. Posteriormente, será exposta a morfologia do lote e ainda a volumetria dos edifícios presentes. Será apresentado o levantamento do lote e uma análise que, através de todos os pontos abordados, dará origem às considerações finais, que irão justificar as decisões tomadas em projeto.



Figura 4 – Imagem aérea da envolvente do lugar

### 3.1 Enquadramento Urbano e Envolvente

No centro da freguesia de Joane, concelho de V.N. de Famalicão, a 1km do parque da ribeira e a 1,2km do Complexo Desportivo Municipal de Joane, na rua de Santo António, que faz ligação com a estrada nacional entre Famalicão - Guimarães, encontra-se o bairro de carácter urbano, abordado na presente dissertação, envolvido no núcleo da malha urbana.

Sendo uma das ruas poucas movimentadas, é um local calmo e silencioso. Por consequência do desenvolvimento da vila, encontra-se numa área onde as habitações em redor surgem com características semelhantes às do bairro. Com a prioridade de melhorar as condições presentes dos moradores, deparamo-nos com a necessidade de reconstrução de todo o bairro. É um espaço direcionado às pessoas de média idade, que possa acolher famílias necessitadas.

Relativamente à envolvente, o bairro pelo seu posicionamento central é abrangido pelos mais diversos tipos de serviços essenciais à vida quotidiana, tais como transportes públicos que fazem conexão com as restantes freguesias da cidade, serviços de banco, farmácias, clínicas, cafés, entre outros.

### **3.2 Morfologia do Bairro**

O terreno dispõe de uma área total de 1763m<sup>2</sup>, sendo que 722,77m<sup>2</sup> é área construída existente e 581,15m<sup>2</sup> é área pós-construção.

Morfologicamente, o terreno possui características particulares devido à construção da vila e ao relevo natural da área. Desde a entrada para o bairro até ao final, existe uma diferença de 9 metros de altura, distribuída por 84 metros de comprimento. O nível da área do terreno situa-se abaixo da sua envolvente, existindo um muro protetor que abraça o bairro. Entre as fachadas existe uma rua, circulada por automóveis e peões, e é o único meio de acesso para as habitações.

O bairro é constituído por dezasseis habitações, três delas devolutas, e apresenta uma simetria em torno do seu eixo vertical, separando as habitações, oito habitações num dos lados e sete no outro. Pode-se, assim, compreender um padrão de ordem entre o cheio (habitável) e o vazio (não habitável), presente na organização espacial. Todas as habitações são constituídas por um único piso e construídas em pedra, em todo o seu redor, com um telhado em telhas cerâmicas. As habitações diferenciam-se ao nível das divisões internas. Existem vários agrupamentos de duas casas, praticamente em todas as fileiras do bairro, o que permite a habitação de duas famílias em cada agrupamento.

No interior das habitações, segue-se uma morfologia idêntica entre elas, com blocos de dimensões muito semelhantes, em que as suas tipologias são delineadas e diferenciadas por áreas de 5m<sup>2</sup>. Existem, ainda pequenos anexos, estando estes a cotas diferenciadas mediante a inclinação do terreno.

As características referenciadas devem-se, sobretudo, ao modo de vida da época, em que foi criado o bairro. A população vivia em grande parte da indústria e do gado, o que talvez justifique a presença de uma área exterior bastante expressiva.

### **3.3 Levantamentos Realizados**

Esta foi uma fase determinante na definição das decisões do projeto, por ser das primeiras e das mais importantes. Serviu de arranque à dissertação, visto ter sido essencial para a interpretação do local de intervenção e pelo facto de só haver um documento gráfico do terreno.

Será apresentado o procedimento dos levantamentos arquitetónicos da habitação, através de registos iniciais, realizados manualmente, para melhor compreender os espaços, assim como de registos fotográficos. Consequentemente, toda esta fase de levantamento será objeto fundamental, face às considerações finais.

Primeiramente, realizaram-se várias visitas ao local com o objetivo de executar o levantamento das habitações e do terreno, bem como compreender o ponto de situação das áreas interiores de cada habitação. Durante estas visitas, procurou-se manter um contacto próximo com pelo menos um representante de cada habitação, para que cada família tivesse a oportunidade de expor a sua opinião sobre as reais necessidades face à sua habitação e área envolvente.

De seguida, foram agendadas várias reuniões com o presidente da junta de freguesia para discussão das necessidades e potencialidades do bairro, tendo sempre em consideração a informação recolhida junto dos habitantes.

O levantamento dimensional sob forma de esboço, para melhor entendimento espacial, e o levantamento patológico geral dos edifícios foram realizados com recurso a um instrumento medidor digital a laser, assim como fita métrica, papel e caneta. A máquina fotográfica também foi um objeto essencial nesta fase. O material fotográfico, para além de servir de registo, teve também como objetivo facilitar uma análise posterior face a qualquer questão que pudesse surgir ao longo de todo o processo.

Através destes métodos, foi possível elaborar tanto o levantamento topográfico, como a organização espacial de cada habitação (fig. 5).



Figura 5 – Planta de Implantação

## 3.4 Análise do Bairro

### 3.4.1 Interior

O Bairro Social Francisco Simões foi construído há mais de quatro décadas e é constituído por dezasseis habitações, embora três delas estejam devolutas, uma vez que possuem o interior bastante degradado.

Cada habitação é constituída por pelo menos dois quartos, uma cozinha e uma instalação sanitária. Mas em algumas habitações, apenas é possível alojar uma pessoa, dadas as condições das mesmas.

Para além destes factos, constatou-se que os problemas estruturais presentes são facilmente visíveis e semelhantes entre cada habitação (fig. 6).

Um destes problemas são as fissuras nas paredes, o que acresce um problema de escorrimento de água para o interior. Este escorrimento deriva de um mau resultado das interseções entre a parede e o teto. Em alguns casos, é possível encontrar no teto algumas perfurações, principalmente nas extremidades de ligação com a parede.

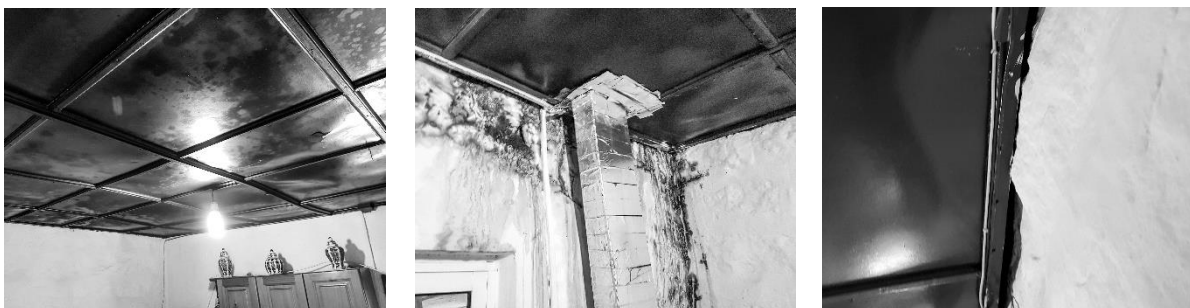


Figura 6 – Seleção de Fotografias do Levantamento Interior

Existe também casos, em que não existe teto falso, podendo observar-se toda a estrutura do telhado e a desorganização entre as telhas cerâmicas. Nestes casos, as telhas são suportadas por uma única estrutura de barrotes e ripas de madeira, em torno dos limites das paredes que suportam o telhado.

Outro problema frequente, é a ausência de laje de esteira, uma vez que não providencia o devido isolamento e proteção tanto das casas como dos moradores do bairro.

Alguns telhados dos edifícios nunca foram substituídos, verificando-se a presença de telhas partidas e desagrupadas.

Em casos extremos, verifica-se um risco de eletrocussão bastante elevado dada a presença de eletrodomésticos sustentados pela corrente elétrica em locais onde a chuva cai no interior das habitações (fig. 7).





Figura 7 – Seleção de Fotografias do Levantamento Interior

Dentro das habitações (fig. 8 e 9), a desorganização dos espaços habitacionais foi um dos aspetos negativos referenciadas pelos moradores.

Estes espaços apresentam áreas mínimas com 5m<sup>2</sup> e referem-se à cozinha, quartos e sala de estar.



Figura 8– Seleção de Fotografias do Levantamento Interior

As instalações sanitárias também são um dos principais problemas do bairro, uma vez que algumas destas não estão no interior suas próprias habitações e os moradores têm que se deslocar ao exterior para as utilizar. Por outro lado, em alguns casos, as dimensões das instalações sanitárias são bastante inapropriadas para quem as usufrui, para além de terem equipamentos sanitários em divisões separadas, e nem sempre próximas.



Figura 9 – Seleção de Fotografias do Levantamento Interior

### 3.4.2 Exterior

De um modo geral, o bairro é constituído por habitações cujas fachadas possuem a mesma linguagem, já que a organização interna destas também é semelhante.

Nas fachadas principais é possível imaginar um eixo vertical de cada bloco habitacional (fig. 10). Esta simetria é resultante de duas habitações idênticas que formam um bloco habitacional.

O acesso às habitações do bairro, quer pelos moradores, quer pelos veículos, é realizado através de uma única rua que, conseqüentemente, subdivide o bairro em duas partes (fig. 10). Esta rua possui cinco metros de largura e oitenta e cinco metros de comprimento, sendo a sua inclinação variável com nove metros de altura.



Figura 10 – Seleção de Fotografias do Levantamento Exterior

O bairro apresenta uma linguagem entre linhas horizontais que diferencia o que é cheio (habitável), do que é vazio (inabitável). A dificuldade em compreender esta linguagem deriva da construção dos compartimentos usufruídos pelos moradores. Quanto mais espaço vazio existe, mais as pessoas têm necessidade de construir. Isto é observável, através dos anexos presentes no bairro que em tempos houve a necessidade de construir, mas que hoje em dia não suportam as necessidades de quem habita. Por exemplo, alguns anexos com objetivo de garagem, estão vazios e sem utilidade, no caso das famílias que não possuem qualquer tipo de veículo.

Assim, o bairro apresenta algumas construções “à posteriori” do “pré-existente”. Estas construções são facilmente visíveis, quando se observa a descontinuidade e o entrelaçamento entre as habitações, devido à diferenciação de materiais (fig.11, 12 e 13).



Figura 11 – Seleção de Fotografias do Levantamento Exterior





Figura 12 – Seleção de Fotografias do Levantamento Exterior



Figura 13 – Seleção de Fotografias do Levantamento Exterior

### **3.4.3 Problemas Presentes no Bairro**

#### **Telhas Partidas**

O estado de degradação das telhas é refletido pela humidade das paredes e pela água que cai dentro das habitações.

#### **Humidade**

A humidade é densa e perceptível. As paredes apresentam fissuras na sua maior parte.

#### **Isolamento**

O isolamento é inexistente na maioria dos casos.

#### **Edifícios Devolutos**

O bairro possui três edifícios devolutos.

#### **Falta de Integração Social**

As estruturas das habitações não têm ligação com os pátios, nem com as restantes moradias.

#### **Desintegração dos Espaços**

As condições exteriores do bairro não potenciam o seu interesse, por estes espaços.

#### **Acessibilidade**

Degraus elevados e rua acentuada.

#### **Desorganização dos espaços habitacionais**

As áreas interiores nem sempre têm a sua função.

#### **Áreas mínimas habitacionais**

Os compartimentos interiores possuem uma área desfavorável a quem habita.

#### **Rua de Acesso**

Ausência de zona de estacionamento e de passeios e bloqueamento do fluxo de passagem de veículos.

#### **Desapego da forma**

É visível em todo o bairro o acréscimo de construção com a diferenciação de materiais.

Tabela 1– Problemas Presentes no Bairro

### **3.5 Considerações Finais**

Os problemas e necessidades existentes no bairro são maioritariamente semelhantes entre as diferentes habitações e devem-se, em parte, à idade das respetivas habitações e características físicas.

Assim, para além de se tratar de uma construção antiga, verifica-se a presença de habitações com fissuras nas paredes internas, desagrupamento das telhas e falta de isolamento. As principais patologias são as infiltrações ocorridas ao longo das paredes em pedra, que embora revestidas, se encontram num nível elevado de degradação, assim como os pontos de ligação entre o pavimento e o teto.

Algumas das janelas e portas estão bem conservadas, mas outras, com a sua constante exposição às diversas condições climatéricas, apresentam-se em elevado estado de deterioração.

Em termos de acessibilidade, a altura dos degraus da entrada das habitações e a inclinação da rua do bairro são um obstáculo para pessoas com mobilidade reduzida.

Assim, perante todas as necessidades e problemas retratados, tanto de degradação construtiva como da sua funcionalidade, procedeu-se à elaboração de uma proposta de reconstrução do bairro, após demolição do mesmo, na qual se propõe revitalizar todos os espaços habitacionais e criar um novo espaço comunitário. Esta área comunitária terá como objetivo promover o convívio entre moradores e potenciar/aumentar novas relações entre estes e a comunidade envolvente, através da realização de diversas atividades promovidas pela junta de freguesia e outras entidades, no interior destas instalações.

**Folha em branco**

# Capítulo IV

## 4 Habitação de Interesse Social

### 4.1 Habitação

Na sociedade atual, a habitação constitui mais do que um elemento determinante para a conquista de um limiar mínimo das necessidades humanas. Ela representa a expressão mais visível da condição social das populações.

O combate às condições degradantes das habitações, que ainda existem por exemplo, nos edifícios em ruína, sem as mínimas condições de habitabilidade, é, entre outros, um passo essencial na luta contra a pobreza e exclusão social. A erradicação destas situações habitacionais e o realojamento das famílias em habitações dignas tem sido, nos últimos anos, uma das prioridades dos Governos.

Contudo, intervir numa realidade “pré-existente” é um processo complexo, uma vez que estão implícitos diversos componentes: a cultura, a identidade de um lugar, as pessoas que vivem nesse local, o espaço construído, a economia, a política, as relações sociais, entre outros. Por isso, é importante ter em consideração que os habitantes locais devem ser envolvidos neste processo.

A consciência da pobreza, da injustiça e da exclusão social e cultural, juntamente com a solidariedade, que é o valor fundamental da democracia e dos direitos humanos, é a principal ideologia a ter nas intervenções das habitações.

A habitação não pode ser analisada à margem de outros elementos, tais como as dinâmicas urbanas e territoriais, o mercado de emprego, as estruturas e rendimentos familiares, os investimentos, etc. A sua análise não pode ser reduzida a uma mera relação de desequilíbrio entre a oferta e a procura. Esta questão é muito mais complexa, pois a habitação possui um conjunto de dimensões que lhe conferem a sua própria identidade e a sua própria função social, na sociedade em que está integrada.

*“a vida na rua não nasce de um dom ou de um talento desconhecido deste ou daquele tipo de população. Só surge quando existem as oportunidades concretas, tangíveis, de que necessita.”<sup>1</sup>*

Uma habitação que satisfaça as condições necessárias dos moradores locais significa mais do que um teto sobre as suas cabeças. Ela significa a privacidade adequada, espaços adequados, acessibilidade física, segurança adequada, segurança da ocupação, a estabilidade e durabilidade estrutural, iluminação adequada, aquecimento e ventilação, infra-estrutura básica adequada (tais como abastecimento de água, saneamento e gestão de resíduos), qualidade ambiental adequada, fatores relacionados com a saúde, e localização adequada e acessível em relação ao trabalho e facilidades básicas.

Tão importante como construir uma habitação, é construir melhor essa mesma habitação.

---

<sup>1</sup> JACOBS, Jane. Morte E Vida De Grandes Cidades. WMF Martins Fontes Ltda 1961, p.22

O conforto é uma das necessidades mais importantes a ter em atenção, pois quando falamos de uma moradia, referimo-nos ao espaço acolhedor de uma família, e é necessário implementar medidas estruturais que interrelacionem os objetivos de justiça e apoios sociais, com a responsabilização pessoal e comunitária. Por isso, é essencial passar-se de uma política de habitação social, para uma política social de habitação, o que implica a reformulação dos modelos arquitetónicos de integração e gestão do espaço habitacional, sobretudo social.

Por outro lado, é igualmente importante refletir sobre os diferentes tipos de necessidades de uma habitação, bem como o impacto que as soluções urbanísticas e arquitetónicas têm no uso e apropriação do espaço habitacional pelos moradores, já que estes fatores irão determinar a qualidade de vida destas pessoas.

A qualidade de vida residencial, refletida através da satisfação dos seus utilizadores deve, assim, ser um dos objetivos fulcrais de todos os intervenientes nos processos de promoção, financiamento, projeto, construção, fiscalização, utilização e gestão de empreendimentos habitacionais.

A habitação é sem dúvida, uma necessidade básica, uma vez que todos ambicionam ter um alojamento digno. Contudo, ela é muito mais do que isso. É um elemento de maior impacto, devido ao espaço que ocupa na sociedade, estabelecendo as relações entre a casa e trabalho, e casa e os espaços de consumo.

A preservação do acesso a uma habitação digna e adequada para todos, implica melhorar o ambiente e a qualidade de vida da população, salvaguardando as pessoas mais desfavorecidas e melhorando a qualidade dos espaços públicos para o bem de todos. Dar uma nova vida aos habitantes locais implica a transformação das suas habitações que, por sua vez, influencia o bairro e a comunidade. Assim, não se trata apenas de uma influência externa, uma vez que o espaço interior da habitação tem repercussões na vivência dos moradores que dela usufruem.

Em Portugal, o Art. 65º da Constituição da República Portuguesa, cujo tema é habitação e urbanismo refere que: *“Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar”*.<sup>2</sup>

No entanto, esta política não deve ser vista apenas como uma mera atribuição de casas a famílias sem capacidade financeira para adquirir uma habitação no mercado habitacional. É necessário implementar medidas que visem a sua integração no ambiente urbano, de forma a que não sejam vistos apenas como conjuntos habitacionais segregados.

---

<sup>2</sup> Artigo nº 65 da Constituição da República Portuguesa, 1976

## 4.2 Breve enquadramento histórico da HIS em Portugal

Com o aumento da população, no final do século XIX, principalmente nas áreas metropolitanas das grandes cidades de Portugal, as construções sociais sofreram várias mudanças ao longo do tempo. Estas mudanças foram provocadas por fatores económicos, políticos e sociais, com o objetivo de eliminar os problemas existentes nos bairros sociais.

As estruturas das cidades não estavam preparadas para este tipo de crescimento habitacional. As habitações eram realizadas de acordo com o espaço disponível e em condições precárias. Posto isto, surgiu a necessidade de criar uma resposta ao problema, principalmente no que diz respeito às famílias, com baixos recursos económicos. A resposta começou por ser dada pelos setores privados, desvalorizando os terrenos, para assim rentabilizar dinheiro onde, na maioria dos casos, as habitações apresentavam fracas condições de salubridade.<sup>3</sup>

Após a Segunda Guerra Mundial, os arquitetos de diferentes países da Europa tomaram consciência da importância do tema da habitação, uma vez que um dos principais problemas da época era o alojamento das classes mais pobres.

Em Portugal, o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), levou à tomada de consciência para a falta de desenvolvimento do país, assim como das necessidades habitacionais das pessoas.

Para responder a este problema criou-se, em 1946, o HE-FCP, uma entidade equipada e orientada para a promoção habitacional mais urbana. Esta entidade reuniu um grupo restrito de arquitetos e foi uma entidade importante até 1972, altura em que foi substituída pelo Fundo de Fomento e Habitação. Entre outras publicações, destaca-se um conjunto útil de cadernos técnicos de estudo e investigação sobre a problemática habitacional, onde também eram abordados aspetos normativos e pormenorizados.<sup>4</sup>

A situação das famílias mais carenciadas piorava rapidamente, pelo que a intervenção por parte do Estado tornava-se urgente. Assim, a habitação, e em particular a habitação social ou económica, passa a ser encarada como instrumento fundamental da ordem social, onde a casa de família, enquanto elemento fundamental da sociedade, se torna na ideologia do Estado Novo.

De acordo com o Arq. António Baptista Coelho, o desenvolvimento da Habitação de Interesse Social (HIS) em Portugal, desenvolveu-se em três principais fases.<sup>5</sup>

A primeira fase do desenvolvimento da HIS (fig.14), remete-se para o início de 1919 com o regime das “*Casas Económicas*”, sobressaindo algumas características positivas e cujos programas de habitação deveriam proporcionar uma habitação mínima adequada, a quem demonstrava carências de habitabilidade.

---

<sup>3</sup> VASCONCELOS, Cristina Neyra Brandão de; *Evolução social e transformação do espaço doméstico no bairro social do arco do cego em Lisboa*; Dissertação para obtenção de grão-mestre em arquitetura, Universidade técnica de Lisboa; Lisboa, 210; p.23

<sup>4</sup> COELHO, António Baptista; *20 Anos a promover a construção de habitação social*, Instituto Nacional de Habitação, 2004; p.45

<sup>5</sup> COELHO, António, Baptista (2009) – *Sobre a primeira fase da habitação de interesse social (HIS), entre 1919 e 1972, artigos e ensaios*, (revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo, programa de pós-graduação do departamento de arquitetura e urbanismo, eesc-usp), p.57.



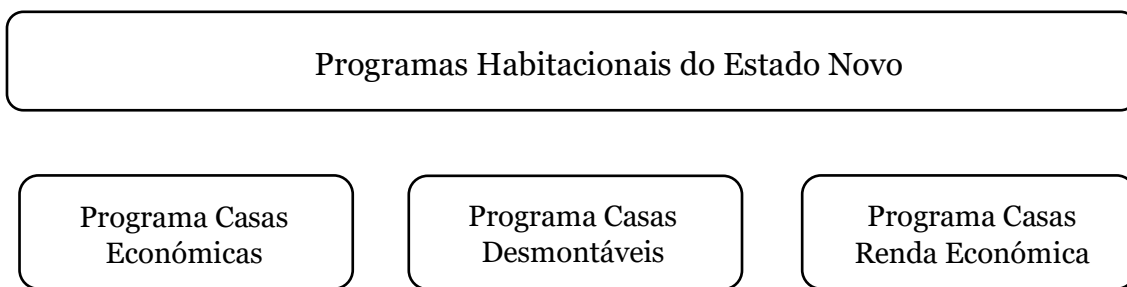


Figura 14 – Esquema do Programa Habitacional

O Programa de Casas Económicas, foi o primeiro grande programa habitacional social a ser realizado, em 1933, para as famílias carenciadas e albergava construções de baixo custo para famílias unifamiliares e com terreno para cultivo agrícola.

As habitações eram localizadas nas periferias das cidades, devido ao aumento dos preços dos terrenos, junto aos centros urbanos. Apesar de serem localizadas nas periferias, procurou-se garantir uma boa rede de transportes. Contudo, esta medida não foi suficiente e acarretou marginalização da população.

O Programa de Casa Desmontáveis era constituído por habitações com materiais pouco duráveis, para posterior demolição, e localizavam-se num lote pequeno com jardim ou quintal. Um exemplo disso é o bairro da Quinta da Calçada contruído em Lisboa no ano 1940, sendo o primeiro bairro provisório a ser construído para albergar a população que se deslocava do interior para a cidade de Lisboa.

A crise instalada no pós-guerra encareceu os terrenos para expropriação, bem como as construções de habitações, e influenciou o Programa de Casas de Renda Económicas, funcionando simultaneamente com o Programa de Casas Desmontáveis.

A habitação do Programa de Casas de Renda Económica albergava um modelo plurifamiliar, sem horta, com máximo de 3 pisos. Estas eram obtidas consoante um pagamento de renda, sem obtenção de título de proprietário, ao invés do Programa de Casas Económicas. Com isto, dá-se a inserção dos modelos de habitação coletiva nas cidades e abandona-se o conceito de inserção do meio rural, no meio urbano.

Alguns dos exemplos do desenvolvimento da HIS em Portugal, são na cidade do Porto: os bairros de Paranhos (1941) e Ramalde (1939), e na cidade de Lisboa: o Arco do Cego (1935, iniciado em 1918) e o Alto da Ajuda (1934).

O bairro do Arco do Cego (fig.15), de 1918, foi o primeiro bairro social de Lisboa, tendo-se desenvolvido à volta do liceu D. Filipa de Lencastre, e é constituído por quase 500 fogos com diversas tipologias. Este bairro possui uma escala verdadeiramente urbana, constituído por vários espaços para equipamentos, pequenos jardins e pracetas.



Figura 15 – Bairro do Arco Cego

Por outro lado, o bairro social do Alto da Ajuda (fig.16), embora também tenha iniciado a sua construção em 1918, a inauguração surgiu apenas em 1934 durante o estado novo. Este bairro caracteriza-se também por possuir um grande sentido urbano e muitos equipamentos coletivos. Os seus edifícios são compostos por tipologias densas de edifícios multifamiliares, com quintais privativos posteriores<sup>6</sup>.

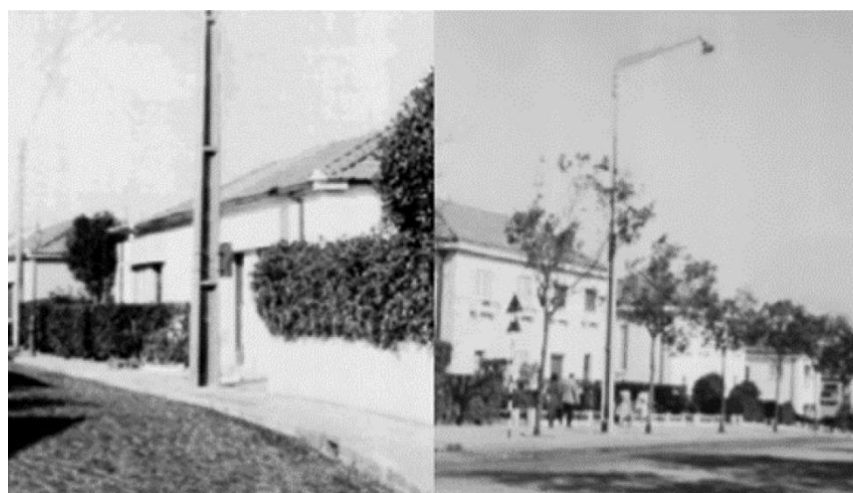


Figura 16 – Bairro do Alto da Ajuda

Mais tarde, o problema do aumento da população é encarado essencialmente pela procura de espaços habitacionais em regime social. Neste contexto, as pessoas que acorriam aos novos polos de oferta de trabalho, cariciavam de infraestruturas que as acolhessem.

---

<sup>6</sup> COELHO, António Baptista; 20 Anos a promover a construção de habitação social, Instituto Nacional de Habitação, 2004; p.42.

Na segunda fase do desenvolvimento da HIS, perspetivaram-se a construção de cerca de 50 000 fogos e foi criado o Fundo de Fomento de Habitação (FFH) com o intuito de promover a habitação social para arrendamento, a estratos sociais mais desfavorecidos.

Depois do 25 de abril de 1974 e com as grandes alterações registadas no panorama nacional, o FFH sofreu várias mudanças e definiu a execução de programas e medidas políticas muito diversificadas, que resultaram de forma muito positiva nos casos de empréstimos às câmaras, cooperativas de habitação e empresas privadas.<sup>7</sup> Segundo António Baptista Coelho, a dinamização do cooperativismo habitacional (uma das principais entidades de promoção da HIS), salientou-se como uma das formas de promoção habitacional, apoiada pelo Estado, que mais competências demonstrava na resolução sustentada das carências habitacionais. As principais entidades promotoras da HIS foram: as câmaras municipais, as cooperativas e as empresas privadas.

Os primeiros passos, no âmbito da habitação social, foram dados com o Estado Novo. No entanto, só depois com o Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL) é que se observaram as verdadeiras mudanças, no domínio das políticas e das estratégias de habitação.

O SAAL, lançado em 1974, caracterizou-se como uma das mais interessantes experiências, pelas condições socioculturais e políticas em que surgiu. Este serviço, tornou-se um macro da história da arquitetura portuguesa, não só pelas inovadoras práticas arquitetónicas e integração desses bairros na cidade, mas também, porque pela primeira vez, a população estava empenhada e completamente envolvida na construção da sua habitação<sup>8</sup>.

Um dos princípios do SAAL era, assim, a arquitetura participativa, sobre a qual era atribuído um papel de grande relevância aos moradores, auscultando as suas necessidades e expetativas. Normalmente, o processo consistia na definição de várias soluções técnicas, a partir das quais as comunidades do bairro podiam fazer as suas opções, de modo a configurar e personalizar as formas de habitação, de acordo com as suas vivências e preferências, num processo participativo e de mútua aprendizagem.

Por fim, a terceira fase da promoção da HIS ocorreu entre 1984 e 2004, através do Instituto Nacional de Habitação (INH), e posteriormente pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.

Na sequência da extinção do FFH, a criação do INH permitiu que muitas cooperativas promotoras desenvolvessem excelentes projetos de arquitetura urbana e doméstica, cujo objetivo era a estruturação da própria política habitacional. Desde os primórdios da sua atividade, o INH mostrou o seu dinamismo e trabalho, tendo contratado financiamentos para quase 10.000 fogos, a realizar por todo o país, promovidos por municípios, cooperativas de habitação e empresas privadas.

---

<sup>7</sup> Portal da habitação – Instituto da Habitação e da reabilitação urbana.  
[http://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/\\_Resumo\\_historico.html](http://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/_Resumo_historico.html)

<sup>8</sup> MARTINS, Joana Ribeiro. HABITAÇÃO social em Portugal: da intenção de inserção ao sentimento de exclusão. Lisboa, 2014, p.17,89 e 90

## 4.3 Problemática Habitacional

### 4.3.1 Identidade sociocultural

Habitação é um termo cujo conceito varia de época para época, mas estar alojado significa muito mais do que estar simplesmente numa casa. Ou seja, é permanecer numa casa com todas condições a que o ser humano tem direito (conforto, espaços suficientes para a família, equipamentos, bem como distância em relação ao emprego, aos serviços públicos/privados, aos diferentes tipos de comércio e a outras atividades complementares à habitação, como por exemplo, as de lazer).

Nos casos dos bairros sociais, deve ter-se em consideração quais os grupos sociais que convivem neste espaço social, as suas origens, as suas características e os seus traços culturais. É igualmente importante compreender como se dá o processo de mudança das pessoas para o bairro, que transformações irão ter na sua identidade sociocultural e como, a partir deste novo contexto, reconstruam a sua identidade, enquanto seres sociais pertencentes a um determinado grupo social.

Os bairros sociais são uma resposta política face à necessidade de reagrupar as populações mais pobres, num determinado espaço geográfico, mas cujo reagrupamento acarreta consequências ao nível das relações interpessoais, na medida em que, *“as pessoas não são coisas que se põem em gavetas”*<sup>9</sup>.

A identidade é um conceito *“eminente relacional, já que resulta do relacionamento dos indivíduos em sociedade e de toda a multiplicidade de referências identitárias com que estes se deparam e através dos quais se geram processos de identificação/integração”*<sup>10</sup>. Este conceito é de extrema importância quando se analisa os bairros sociais, uma vez estes são um espaço de grande contraste social, cultural e étnico.

A construção da identidade não é um processo uniforme e depende das várias transformações económicas, sociais, políticas e culturais que ocorrem ao longo do tempo, bem como das referências culturais e acontecimentos que marcam a vida das pessoas.

Assim, a forma como caracterizam estes trajetos sociais, vai influenciar o modo como detém o espaço residencial em que se encontram.

Posto isto, e fazendo referência ao questionário realizado aos moradores do bairro a intervir nesta dissertação, tornou-se fulcral, ouvir as histórias e os trajetos de vida que levaram os moradores a integrar no bairro social Francisco Simões, tanto a nível relacional e profissional, como a nível espacial e temporal.

Embora apenas uma pequena percentagem de moradores tenha referido gostar de viver no bairro, este facto deve-se, sobretudo, à melhoria da sua qualidade de vida decorrente das condições de habitabilidade, aquando da sua integração no bairro. Por outro lado, esta apreensão positiva do bairro não resulta, contudo, numa maior integração no mesmo.

Os conflitos existentes no bairro derivam, sobretudo, das más relações de vizinhança, como o racismo, a gestão dos condomínios, a ofensa e a intriga, devido às diferenças culturais entre os moradores do bairro. Existem, ainda, os problemas de criminalidade, como roubos e tráfico de droga, que levam a que os moradores do bairro

---

<sup>9</sup> GUERRA, Isabel. Sociedade e Território, Ed. Afrontamento, Porto, 1994 pág.35

<sup>10</sup> GONÇALVES, H. S. in Sociologia, Problemas e Práticas, 1994 pág. 135

se resguardem no interior das habitações, ficando assim descuradas as relações de vizinhança.

Tal como se pode verificar, neste exemplo específico, estas questões de identidade socioculturais são bastante complexas porque um indivíduo encerra em si várias referências identitárias. Os sujeitos sociais acabam por interiorizar um conjunto de normas e vivências do sistema cultural, em que se inserem, sem abandonar as suas próprias crenças e valores, permitindo assim uma melhor integração no bairro. Isto acarreta conflitos internos ao indivíduo, na medida em que tem de lidar com disputas ocorrentes no bairro, resultantes das diferenças étnicas e culturais que surgem da convivência diária. Por isso, é que a forma com que se projeta e se desenvolve os espaços sociais têm um forte impacto na vida dos habitantes.

#### **4.3.2 Integração Social**

A problemática da habitação é complexa, no sentido em que se constrói uma identidade e uma função social. A habitação, ao estar integrada num determinado meio, satisfaz um conjunto de funções, tais como: a de abrigo e reprodução da personalidade individual; de integração social e de socialização; e um espaço de consumo, de produção de bens e serviços, de lazer e comunicação.

Em determinadas sociedades, existe um forte peso da dimensão habitacional nos processos de tentativa de integração das populações minoritárias. Este facto deve-se à reduzida capacidade de escolha e recursos disponíveis, face à habitação que lhes é imposta, bem como à grande dependência de apoios sociais.

Para a maioria dos sujeitos sociais que se mudam para os bairros, verifica-se uma melhoria significativa das condições habitacionais e do nível da higiene e do conforto. Contudo, parece haver pouca vontade em permanecer no bairro, assim como uma atitude pouco positiva face a ele, na esperança de uma mobilidade residencial futura.

Um outro fator a ter em conta nos bairros sociais é o facto de este alojar um grande número de sujeitos sociais pertencentes a vários grupos, com normas e valores distintos, levando a dificuldades no relacionamento entre eles e para com a comunidade envolvente. Isto, facilita o aparecimento de estereótipos e de imagens negativas que existem por parte dos habitantes da cidade, em relação aos moradores dos bairros sociais.

Tem-se verificado também, uma tendência para os moradores dos bairros sociais recolherem-se no interior da sua habitação, desvalorizando qualquer tipo de investimento no bairro, quer em termos de relações sociais, quer em eventuais ações de melhoria e conservação do bairro. Por outro lado, há também um forte desejo de mudança devido aos sentimentos de insegurança por parte de quem vive no bairro, mas para muitos, este desejo fica comprometido já que existe, maioritariamente, uma fraca capacidade de mudança e de mobilidade social ou espacial. Assiste-se, assim, a sentimentos de frustração e de obrigação em viver no bairro, que por sua vez é um espaço social indesejado para eles.

Por outro lado, tendo em conta a multiplicidade de identidades presentes nos bairros sociais, os moradores tendem a desenvolver uma identidade social positiva, em relação ao subgrupo a que pertencem. No entanto, não existe uma reciprocidade entre esses grupos, originando uma falta de abertura e tolerância.

### **4.3.3 Social e Política**

A população dos bairros sociais é, fortemente, marcada por grandes contrastes sociais. Por isso, é importante compreender como é que a variável território influencia os fenómenos de exclusão e desigualdades sociais, tendo em conta: a formação e o mercado de trabalho, que geram a distribuição de oportunidades, recursos e recompensas.

As perspetivas acerca da habitação são diversificadas, sendo que, a principal distinção ocorre entre aqueles que entendem a habitação unicamente como um investimento, isto é, como um produto transacionado num mercado, e os que vêm a habitação como um bem social, isto é, um serviço, como a educação ou a saúde, que tem de ser fornecida a todos os membros da sociedade. Por isso, é que a habitação deve ser encarada como um problema social, económico, ideológico e político.

No que concerne à habitação, a intervenção do Estado não se resume ao nível da justiça individual, uma vez que, sem essa intervenção, pode originar consequências adversas para o desenvolvimento económico dos países. Ao nível da habitação é fundamental haver diferentes combinações de intervenção pública com os mecanismos do mercado. Contudo, a maior ou menor intervenção do Estado na habitação é condicionada, quer pela conjuntura económica e urbana, quer ainda, pela orientação política do governo.

O estado, através da sua intervenção no mercado habitacional, acaba também por reforçar a estratificação e a própria segregação socio-espacial da habitação, além de contribuir para a desigualdade habitacional. Isto deve-se ao facto de os bairros e/ou as ajudas que promovem serem também diferenciados, conforme os moradores a que se destinam. Por outro lado, os bairros ao serem geralmente construídos na periferia, onde os terrenos são mais baratos, surgem na sequência do planeamento urbanístico que promove grandes urbanizações para as classes sociais de menor poder económico.

O fator que deriva dos interesses sociais é a localização nos espaços urbanos onde os bairros sociais se situam. Por consequência, as causas das suas distribuições, o seu processo de evolução e a sua segregação espacial aumenta. Estas ideias ultrapassam a simples questão da ocupação residencial e relaciona-se direta ou indiretamente, com as importantes transformações urbanísticas ocorridas no espaço urbano. Cada espaço urbano tem a sua própria estrutura espacial habitacional, que depende da combinação de um conjunto de fatores sociais e económicos, destacando-se as características do local, topografia, sistema de transportes, rede rodoviária, rendimentos, heterogeneidade social, base económica e a sua própria história, para além da intervenção passada e presente do poder público que controla o espaço urbano.

### 4.3.4 A Pobreza nos Bairros Sociais

O interesse que se dedica ao estudo da habitação provém do facto de se tratar de um elemento fundamental à sobrevivência humana, o qual oferece abrigo contra os elementos naturais e transmite conforto e possibilidade de vida familiar. Esta perspectiva, que se centra nas famílias e nas suas condições habitacionais, justifica que o seu estudo se realize, com frequência, num sentido prático e em busca de soluções urgentes, uma vez que a falta de condições financeiras, em muitos dos casos, é fator determinante para a resolução dos problemas das pessoas.

Os bairros sociais são a face da pobreza das cidades, uma vez que a maioria das famílias residentes nos bairros sociais vive abaixo do limiar da pobreza.

Nos bairros de realojamento verifica-se um elevado agrupamento de famílias pobres, com vários problemas sociais, o que por si só, dificulta a tentativa de sair da pobreza e conseqüentemente a sua correta integração na sociedade.

Por outro lado, viver num bairro social, além de ser um indicador de pobreza, pode ser também um indicador de permanência na situação de pobreza, tanto para si como para as futuras gerações. Em alguns casos, este fator pode ainda ser agravado pela presença de preconceito social e do forte estigma, o que dificulta as relações com os serviços e restante sociedade.

## 4.4 A Importância da Integração Urbana e Social

Os espaços públicos têm como objetivo estimular a integração urbana e as relações sociais. Para isso, estes espaços proporcionam momentos de convívio e oferecerem diversos serviços, com vista a maximização da qualidade de vida dos moradores.

Siza Vieira afirma que a passagem entre o estado de nómada e o de urbano é um dos termos mais interessantes da História, sendo este o ponto de partida para a integração.

*“Como se pode pensar que esta “integração” – não sei dizê-lo de outra forma – possa ser simples e fácil? É tão profundo e vem de tão longe”<sup>11</sup>.*

*Talvez integração não seja a palavra correta:*

*“O que eu quero dizer é mais rico do que isso. Quero falar de uma transformação que surge de múltiplas influências e não de relações unilaterais. A arquitetura não pode fazer muito nesse domínio, contudo ela tem o seu papel: não deve fechar-se, ser insensível a tudo o que se passa à volta, nem excluir o mais pequeno indício”<sup>12</sup>.*

Esta noção de integração remete para uma dimensão essencial da vida na sociedade, onde as pessoas assumem uma grande importância para constituírem a riqueza e a identidade de um local. Embora, muitas vezes, não tenham essa consciência. Por isso, é essencial promover a participação da população nas tomadas de decisão, de modo a ser evitado o conflito social e a serem considerados todos os pontos de vista e interesses, principalmente dos que são primeiramente afetados.

---

<sup>11</sup> SIZA, Álvaro Vieira. A dignidade aplica-se a qualquer espaço, a beleza também. Os programas de habitação social. Entrevista publicado na revista Mégalopole, pag.22

<sup>12</sup> Ibidem, pag.16

Sendo a arquitetura e o urbanismo os responsáveis pelos conflitos destas áreas, provocando o isolamento urbano e densificação, apesar de existirem bairros de habitação social integrados, é importante dizer que, quando nos referimos a habitação social, falamos frequentemente de um *“habitat desenraizado e desintegrado”*.<sup>13</sup>

A sua localização periférica contribui para o distanciamento em relação à continuidade do tecido urbano, havendo ainda outros aspetos de componente física que contribuem para uma imagem estigmatizada. A nível arquitetónico, estes bairros são caracterizados por uma homogeneidade tipo-morfológica, ou seja, têm uma estrutura semelhante e como tal são facilmente identificáveis, o que evidencia mais a diferença no tecido urbano em relação aos restantes espaços da cidade, quer em termos sociais como arquitetónicos e urbanos, levando-os à segregação urbana.<sup>14</sup>

## 4.5 O Espaço Público na Habitação Social

A Habitação é uma das necessidades básicas do ser humano e foi, desde sempre, uma preocupação quer seja em termos individuais quer seja da sociedade em geral.

Na maioria das vezes, as áreas de habitação social determinam o traçado urbano e caracterizam-se por conjuntos habitacionais, com volumes dispostos paralelamente entre si (a fachada principal, pública, direcionada para a rua; e a traseira, com caráter mais privado, voltada para o interior)<sup>15</sup>.

A forte relação entre o público/privado e o cheio/vazio é importante nos conjuntos habitacionais, porque sendo o espaço interior do edifício privado, assume-se como espaço coletivo. Este interior prolonga a rua, onde no espaço central se torna um espaço verde público.

No movimento moderno, as tipologias habitacionais construtivas eram: a torre, o bloco e o conjunto habitacional. Ao mesmo tempo, reinventaram o elemento estruturador da cidade tradicional: o espaço público<sup>16</sup>.

Embora, os conjuntos de habitação social, na maioria das vezes, sejam construídos na periferia, existem algumas exceções, como por exemplo o Bairro Kiefhoek, na Holanda, (fig.17) que foi projetado numa zona já consolidada da cidade.

Este bairro é um exemplo excepcional da relação entre o cheio/vazio, público/privado. A sua arquitetura racionalista exige a preocupação através do grande ritmo, no complexo equilíbrio entre elementos que se relacionam entre si e se influenciam reciprocamente, apoiando a intenção da estética uns dos outros, onde nada pode ser acrescentado nem retirado.

O bairro Kiefhoek é um projeto estudado para integrar a classe trabalhadora, construído entre 1925 a 1930, no sul de Roterdã, por J.J.P.Oud. Este bairro é uma das

---

<sup>13</sup> COELHO, António Baptista. É preciso integrar a “Habitação Social” na continuidade urbana. Sociedade e Território, nº20 ED. Afrontamento, Porto

<sup>14</sup> AUGUSTO, Nuno. Habitação Social, da intenção de inserção à ampliação da exclusão. IV Congresso Português de Sociologia, pag.3

<sup>15</sup> LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pág. 236

<sup>16</sup> CHOAY, Françoise. O Urbanismo - Utopias e realidades, uma antologia de Françoise Choay, Perspetiva, 1998 pag.23



experiências de habitação icônicas do período entre guerras na Europa, constituído por uma área com duzentas e noventa e quatro habitações, duas lojas, um serviço de água, dois armazéns/oficinas e uma igreja (fig.18).

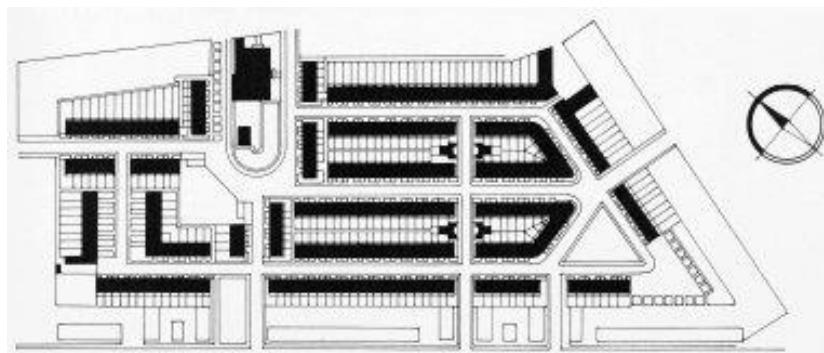


Figura 17 - Planta do bairro Kiefhoek, Roterdão, Jacobus Johannes Pieter Oud,

Projetado por Oud, as suas habitações eram destinadas a famílias de baixos rendimentos, com um padrão de 61m<sup>2</sup>, por unidade. Este objetivo em reduzir a unidade habitacional aos seus requisitos mínimos, tinha como objetivo integrar o maior número possível de pessoas. Portanto, é uma arquitetura simples e elegante com o intuito de reduzir custos.

O plano é baseado em linhas alongadas de unidades padronizadas de dois andares. Esta base racional responde aos seus arredores de diferentes maneiras, originando um plano urbano variado. Os pátios (fig.19) permitem não só uma interação direta com a vizinhança, como a possibilitam uma interação restrita e privada. O ornamento na arquitetura exige uma maior pureza da composição arquitetónica e deve vivenciar a sua expressão máxima.



Fig. 18 - Vista Aérea do Bairro



Fig. 19 - Vista dos Pátios Privativos entre Habitação

No movimento moderno, a relação entre o público/privado modificou-se, criando assim a noção de que não se habita só em casa, mas sim num conjunto de equipamentos e serviços coletivos, em que o espaço deve ser de livre acesso a todos os habitantes, diminuindo a noção de propriedade privada. Valorizou-se o espaço público com a criação de espaços verdes e grandes espaços dedicados à população.

Contudo, estes espaços públicos foram encerrados e privatizados, e os espaços verdes públicos abandonados, pois a manutenção dos mesmos tinha custos elevados. Ao

mesmo tempo, os espaços verdes públicos criados no interior destes conjuntos, tendem a ter pouco uso porque tornam-se um espaço de vandalismo. Normalmente, um parque típico de um bairro, onde não haja uma diversidade de usos, tende a ficar vazio grande parte do dia, diminuindo o número de moradores que o utilizam, e conseqüentemente, diminuindo a atratividade do espaço.

*“Por vezes, os conjuntos de habitação social tornaram-se locais de monotonia e padronização de vida urbana”<sup>17</sup>.*

Desta forma, é necessário repensar o uso e funções de todo o conjunto habitacional e requalificar o espaço público, criando continuidades urbanas, em vez de unidades autónomas. Segundo Jacobs, os bairros para serem funcionais e aprazíveis devem desenvolver ruas vivas, desenhando o seu tecido, para que ele seja contínuo e ligado com a malha estruturante da cidade, fazendo com que os espaços públicos se integrem na estrutura do tecido urbano, e concedam identidade ao lugar.

---

<sup>17</sup> JACOBS, Jane. Morte E Vida De Grandes Cidades. WMF Martins Fontes Ltda 1961, p.2

**Folha em branco**

# Capítulo V

## 5 Da Habitação ao Habitar

### 5.1 O Arquiteto e a Habitação

*“Antes de arquiteto, o arquiteto é homem, homem que utiliza a sua profissão como um instrumento em benefício dos outros homens, da sociedade a que pertence. (...) a sua posição será, portanto, de permanente aluno e de permanente educador (...) que seja assim o arquiteto – homem entre os homens – organizador do espaço – criador de felicidade.”<sup>18</sup>*

Perante as transformações urbanas e da sociedade, o arquiteto tem-se interrogado sobre a forma como deve atuar hoje e qual deve ser o seu papel para acompanhar e responder aos novos ideais do século XXI. Ao longo dos séculos, a arquitetura foi traduzindo as mais variadas necessidades dos homens, correspondendo inevitavelmente a diferentes arquiteturas que refletem o progresso e a evolução da sociedade.

Uma habitação sem planeamento, permite às pessoas conceberem e construir os seus espaços, seguindo a sua intuição, a sua experiência e respetivas necessidades. Sem formação e acompanhamento é comum surgirem problemas relativos a questões técnicas, como por exemplo, a estrutura construtiva, que por vezes, não é devidamente calculada só por si ou para suportar expansões posteriores ou de infraestruturização. Por isso, é que o papel do arquiteto é fundamental para a evolução da arquitetura e dos variados ambientes urbanos, contribuindo não só para a construção das cidades e aldeias, mas essencialmente para a multiplicidade de formas de estar e de viver da população.

A sociedade de hoje caracteriza-se por profundas e permanentes mudanças e mutações. São vários os fatores que têm surgido a um ritmo acelerado e que têm vindo a alterar as formas de vida da população, bem como dos seus hábitos sociais, exigindo ao arquiteto a constante capacidade de adaptação e inovação de forma a corresponder a estas mudanças e necessidades.

Sendo a arquitetura a arte de projetar espaços, por sua vez enraizados nos costumes das sociedades, o arquiteto torna-se essencial na medida em que cabe a ele conhecer o homem e as suas necessidades, maximizando assim, a qualidade dos mesmos espaços. Para isso é necessário desenvolver técnicas que ajudem o arquiteto a compreender onde, como e o porquê de intervir.

De forma parcial, o arquiteto pode responder às necessidades dos destinatários de dois modos. O primeiro é o modo passivo, onde o cliente recorre ao arquiteto para que, de acordo com o seu gosto e ambição, desenvolva o projeto habitacional, tornando-se parte integrante neste. O segundo é o modo ativo, destinado a classes mais desfavorecidas, através de iniciativas e/ou entidades do estado, onde o arquiteto trabalha diretamente com os moradores, procurando responder às suas necessidades habitacionais, e com isso, desempenhar um papel participativo no projeto arquitetónico. Desta forma, é importante identificar as prioridades do cliente no processo de

---

<sup>18</sup> TÁVORA, Fernando; DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, FAUP publicações, Série 2-Argumentos, Porto, 2006, p.74 e 75

identificação com a nova casa, rua, bairro, procurando aproximar os diferentes protagonistas envolvidos no projeto.

Segundo Fernando Távora, podemos referir que o arquiteto é “(...) *um criador de formas, um organizador do espaço (...)*”<sup>19</sup>. Estes aspetos da arquitetura e da sua profissão são pensados em diversas circunstâncias onde há escolhas e gostos, o que leva a resultados positivos ou negativos. As escolhas/decisões do arquiteto necessitam de ser tomadas tendo em conta não a sua satisfação pessoal, mas sim ter sempre atenção às pessoas a quem se destina, conforme expõe Távora, a ação do arquiteto deve “(...) *procurar criar formas que melhor serviço possam prestar quer à sociedade quer ao seu semelhante (...)*”<sup>20</sup>.

Os conceitos essenciais da arquitetura, projetar, planear e desenhar não se devem traduzir em formas vazias ou simplesmente na moda, pois o que se deverá ter em conta é um equilíbrio das formas que o próprio arquiteto deverá saber transmitir através da sua visão/conhecimento, um equilíbrio ligado à causa e circunstância a que motivaram a intervenção.

## 5.2 Habitar do Espaço Interior

*“A casa tem efetivamente significação social, visto que expressa a imagem que o sujeito tem de si e quer transmitir aos outros, representa por isso um estilo de vida. Deste modo, por representar uma aspiração a um estatuto ou a uma inserção social, não pode ser reduzida a certas finalidades práticas, ou seja, a uma ‘máquina de habitar’”*<sup>21</sup>

O alojamento é um símbolo do habitar livre e uma expressão de muitas e variadas formas, de muitas e complexas ideias, pensamentos e vivências, impregnado de marcas, registos, sinais e desejos de uma existência. O conceito de habitar promove e resulta das relações que o homem estabelece com os lugares. Uma ‘casa’ só o é quando o homem a habita, a impregna de valores, de emoções, de costumes, de sonhos, de cultura. É a ação sobre o espaço.

Como tal, entre o indivíduo e a casa estabelece-se uma relação simbólica e afetiva, extremamente importante no ciclo da vida das famílias.

No entanto, mesmo no seio de uma família que partilha o mesmo alojamento, cada espaço tem funções e significados diferentes para os vários elementos do agregado. Cada indivíduo tem a sua imagem do espaço e apropria-se das divisões de forma distinta. Do mesmo modo que as diferentes famílias se apropriam das habitações de acordo com as suas formas de estar.

Assim sendo, a intimidade doméstica pode ser considerada de três níveis: individual, conjugal e familiar. A cada um destes domínios correspondem não só uma gestão própria como um conjunto de práticas, espaços e fronteiras, havendo uma clara

---

<sup>19</sup> Ibidem, p.73.

<sup>20</sup> Ibidem, p.74.

<sup>21</sup> PINTO, Maria Teresa Costa, Modelos de Habitat, Modos de Habitar – dinâmica individual e imaginário social na promoção clandestina do habitat, Lisboa, 1992 p. 102, 162, 163.

distinção dos mesmos.<sup>22</sup> Assim, a casa encontra-se, então, destinada a dar uma resposta de acordo com as necessidades que o homem foi sentindo, exigindo ou construindo.

A casa é o lugar da memória, sede da vida íntima do homem, espaço das aprendizagens mais pessoais, tópico das recordações de infância, espaço de apropriação e permanência, lugar das rotinas de intimidade, onde as pessoas cuidam de si próprias e constroem o seu mundo. Por isso, é considerada um fator de identidade, que controla o espaço/tempo, onde se repousa do movimento e do bulício exaustivo da vida quotidiana e coletiva. Neste sentido, é preciso morar condignamente para que se possa usufruir da vida de um modo saudável.

É também importante ter em consideração a relação com os objetos pessoais, uma vez que eles são vistos como extensão do próprio indivíduo e desempenham um papel fundamental na habitação. Eles, para além de serem a marca dos moradores, tornam a habitação distinta. Por outro lado, ao ocuparem um espaço simbólico e afetivo, podem ser classificados em três grandes categorias: equipamentos, móveis decorativos e objetos.

A casa assume, assim, uma pluralidade de sentidos para os moradores e vai muito além da função de habitar. Encontra-se inserida num projeto de melhoria de vida que liga o passado, o presente e o futuro num refúgio permanente. Os significados e os usos que possam ser conferidos à casa variam conforme o sexo, as etapas do ciclo da vida, o tempo dentro da mesma e o momento da vida.

### **5.3 A Qualidade Habitacional**

Segundo o arq. António Baptista Coelho no seu capítulo intitulado “Habitação e vizinhança em países tropicais” refere que a habitação deve proteger o homem e a sua família e proporcionar um sentido de comunidade e de cidade. Ao optar-se pela criação de bairros sociais, está-se a promover condições dignas a todas as pessoas de uma sociedade, ao nível do bem habitar, saúde, segurança, bem-estar e proteção face às intempéries. O termo habitação refere-se à criação de ambientes que sirvam os habitantes e dos quais os habitantes se sirvam em condições de igualdade.

Apesar de muitas vezes menosprezada, a relação entre a habitação e a saúde é de uma importância indescritível, visto que um habitante é na maior parte das vezes afetado física e psicologicamente pelo meio que o rodeia, sendo as crianças, os idosos e os doentes o grupo de pessoas mais sensíveis.

A habitação tem, assim, influência sobre os múltiplos aspetos do dia-a-dia dos moradores, marcando profundamente a sua qualidade de vida, e as suas expectativas e possibilidades de desenvolvimento.

O arquiteto, no processo criativo de projetar, deve fundamentalmente conhecer as necessidades dos utilizadores, pois estas vão revelar as exigências e especificações que o projeto deverá ter em conta. No entanto, os utilizadores podem variar as suas necessidades, gostos, hábitos e até atividades durante o período de vida útil da habitação, pelo que poderá ser benéfico incorporar também a possibilidade de adequação a longo prazo, assim como a possibilidade de inovação (fig.20 e 21).

---

<sup>22</sup> Carolina Leite, *Eva, depois do paraíso – modos de habitar e identidade no percurso migratório*, Braga, 1998 (Dissertação de Doutoramento apresentada na Universidade do Minho, texto policopiado), p.390.

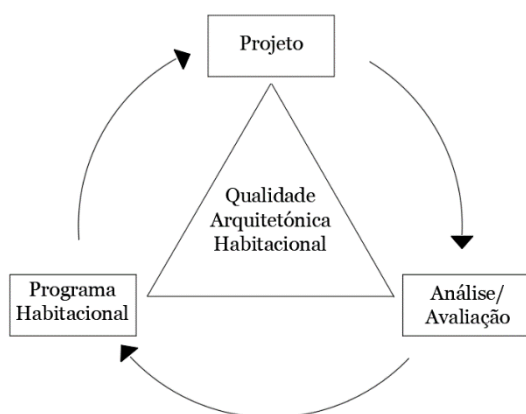


Fig 20- Esquema 1 – Qualidade Habitacional

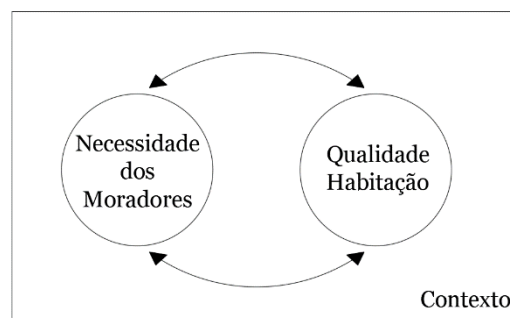


Fig 21 – Esquema 2 – Qualidade Habitacional

O conceito de qualidade habitacional está intimamente relacionado como o contexto social, económico, cultural e tecnológico e com as condições do meio que a envolvem.

Contudo, existe um consenso entre diversos autores para a definição do conceito de qualidade. A mais adotada, refere que a “qualidade é a adequação das características do produto às necessidades dos usuários”. Por isso, a qualidade residencial poder ser resumida como a adequação da habitação e a sua envolvente face às necessidades dos moradores. Convém ressaltar que, por possuir características próprias, deve incorporar também a possibilidade de adequação a longo prazo e a adequação sociocultural, permitindo a compatibilização das diferentes necessidades de cada morador na mesma casa, assim como a possibilidades de inovação.

No conceito de qualidade habitacional da habitação, está implícito o conceito de habitar, o qual se “*realiza pela satisfação de um conjunto de necessidades humanas, individuais e coletivas... (que se manifesta) em torno de dois níveis sociogeográficos... onde o habitar tem expressão mais significativa: o alojamento (habitação, residência, fogo, casa) e a vizinhança (ambiente envolvente do alojamento com significado físico, social e funcional relativamente ao alojamento)*”.<sup>23</sup>

Por outro lado, a qualidade arquitetónica pode ser definida como “*como a adequação das características espaço-funcionais, socioculturais e estética da habitação e da sua envolvente face às necessidades imediatas e previsíveis dos moradores, compatibilizando as necessidades individuais com as da sociedade e incentivando a introdução ponderada de inovações que conduzem ao desenvolvimento*”<sup>24</sup>

<sup>23</sup> CABRITA, Reis – O Homem e a Casa – definição individual e social da qualidade da habitação. Lisboa: LNEC, 1995, P.12

<sup>24</sup> PEDRO, João Branco, “Definição e Avaliação da Qualidade Arquitetónica Habitacional”, Lisboa:LNEC, 2005,cit. 6, pág. 10

### 5.3.1 Funções e Exigências dos Espaços Habitacionais

Para projetar um programa é fundamental definir os dados do programa e as exigências de qualidade.

*“Projetar é, em última análise, defender as necessidades dos utentes e, diretamente, as do cliente público para o qual o problema número um deixa de ser a procura do “mais barato possível”, mas sim do “mais barato possível para obter certas exigências”, desde que se enquadre numa perspetiva de desenvolvimento”.*<sup>25</sup>

Uma grande parte dos estímulos recebidos pelos seres humanos provem do meio onde habitam e este modo de habitar é distinto consoante as necessidades particulares de cada um, o que implica não só os seus hábitos como as suas rotinas.

Outro fator a ter em consideração, é a densidade da vida ativa na habitação.

As horas passadas no espaço habitacional influenciam as possibilidades de como este é utilizado e podem ser agravadas com o desemprego, trabalho em casa ou até mesmo com a reforma. Conforme mudam as necessidades dos habitantes, as funções de cada espaço também devem mudar, respondendo às necessidades dos indivíduos. Deste modo, é possível afirmar que a habitação pode ser determinante quanto ao grau de satisfação e qualidade de vida de um indivíduo.

Em Portugal, o estudo e classificação das funções de uso tem constituído um aspeto fundamental da investigação, com o objetivo de caracterizar o uso e definir as necessidades ou as exigências dos utilizadores sem fixar uma forma de uso.<sup>26</sup>

Em 1969, Nuno Portas propõe uma classificação de normas habitacionais que foi utilizada em diversos estudos e que ainda se mantém na atualidade. São elas: dormir (1), alimentação (2), refeições correntes (3) e refeições formais (4), estar e reunião nos tempos livres (5), estar e receber (6), recreio -crianças (7), estudo recreio-jovens (8), trabalho e recreio – adultos (9), tratamentos de roupas – passar a ferro (10), tratamentos de roupas – lavagem (11), tratamento de roupa – secagem (12), higiene pessoal (13), permanência no exterior (14), comunicação – separação (15), arrumação – roupas e reserva vária (16). Posto isto, é possível verificar que muitas destas funções estão interligadas. Contudo, a exigência destas áreas depende do uso dos espaços e conjugação das tarefas, e em situações da exigência de áreas mínimas nem sempre é possível conjugá-las como um todo.

Assim, as áreas habitacionais devem ser pensadas face às necessidades de vida, revelando igualmente preocupação com a variedade de padrões de uso e diversidade dos modos de viver.

---

<sup>25</sup> PORTAS, Nuno. Industrialização da Construção – Política Habitacional. 1964, p.102

<sup>26</sup> FONSECA, Nadja Maria Ribeiro. Habitação Mínima, O Paradoxo entre a funcionalidade e o Bem-estar, Dissertação de Mestrado, FCTUC, Coimbra, 2011



## Dormir/ Descanso Pessoal

A função de dormir define-se na habitação como um período de repouso para o corpo e para a mente dos indivíduos, que ocorre num espaço próprio, normalmente no quarto ou dormitório.

O quarto é então considerado o espaço utilizado para esta atividade, mas que pode abranger ainda outras atividades tais como vestir e arranjo pessoal e/ou estudo ou o trabalho, dependendo dos utilizadores (crianças, jovens ou adultos).

Ao nível das condições, estes compartimentos devem assegurar a privacidade, conforto acústico, o contato visual com o exterior, obscurecimento total da luz do dia quando desejado, assim como a entrada de luz solar, de preferência matinal, e o controle da excessiva radiação solar.

O quarto é o espaço onde a marca da individualização tem a sua expressão mais clara, sendo usado principalmente pelos moradores. De um modo geral, o planeamento destes espaços responde a critérios etários, daí a importância da sua funcionalidade durante a fase de planeamento. Ou seja, para além da função principal – dormir – podem ser desempenhadas as funções de uma sala, de um espaço de brincar (crianças), estudo (adolescentes) ou trabalho (adultos).

Relativamente a exigências de área, as dimensões diferem consoante o tipo de divisão que se adote ou o equipamento necessário à mesma.

O regulamento português em vigor define que o quarto de casal não pode apresentar área inferior a 10,5m<sup>2</sup>. Em relação aos quartos duplos, a área mínima exigida é de 9m<sup>2</sup> e, relativamente aos quartos simples, deverá ser, no mínimo de 6,5m<sup>2</sup>, independentemente do número de compartimentos e tipo de fogo (fig.22 e 23).

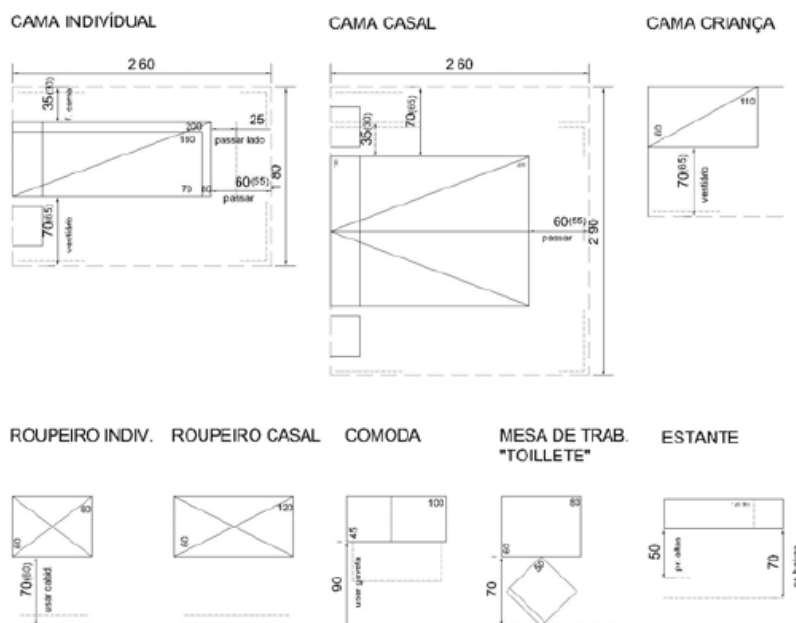


Fig. 22 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização dos quartos

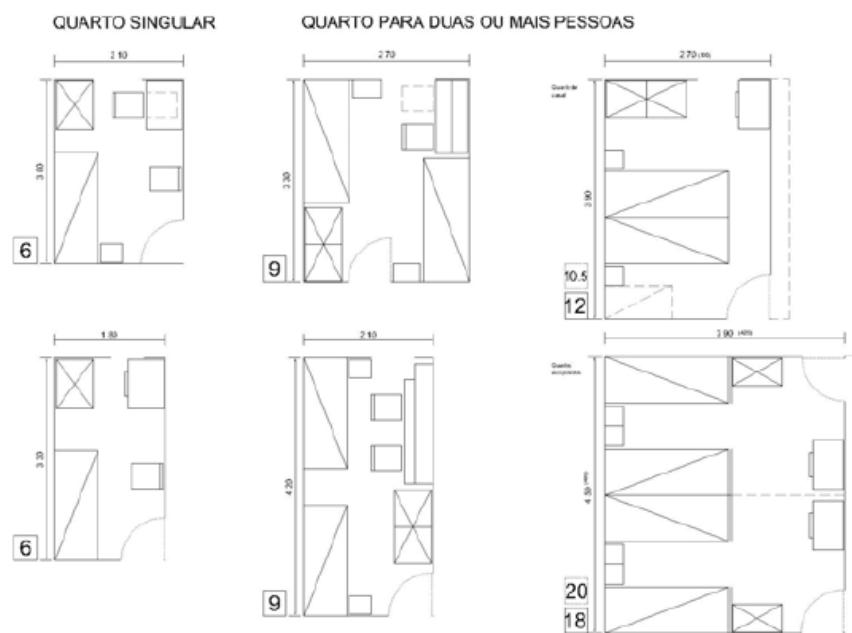


Fig. 23 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização dos quartos

## Alimentação

Esta atividade abrange o conjunto de tarefas ligadas à confecção e serviço das ações alimentares. A função de preparação de refeições, por norma, está ligada ao espaço cozinha, mas a cozinha também pode abranger outras funções, como por exemplo, as refeições e o tratamento de roupa.

A cozinha para além de ser um espaço onde são realizadas várias tarefas do dia-a-dia, que ocupam grande quantidade de tempo, é também um local de convívio dos membros da casa, com vista à: *“aquisição de equipamentos; aumento de higiene; organização mais racional dos planos de trabalho; produtos de alimentação parcialmente preparados; etc.”*<sup>27</sup>.

Na sociedade portuguesa e dada a sua cultura, pode-se afirmar que o espaço que engloba a cozinha é um espaço particular na casa. Para muitas famílias, mais do que um simples espaço de realização de tarefas quotidianas, tarefas essas que ocupam grande espaço de tempo, torna-se um local de convívio da família.

No que diz respeito à preparação de refeições, a indicação de uma organização correta das operações é muito importante, não só para a organização geral da cozinha como para a disposição do equipamento mínimo necessário. Para isso, o Regulamento Geral das Edificações Urbanas define que a área do espaço da cozinha deve ter no mínimo 6m<sup>2</sup>.

<sup>27</sup> FAMÍNIO, Isabel, “O Espaço da Cozinha na Habitação Plurifamiliar Urbana - Modos de Vida e Apropriação do Espaço”, cit. 23. pag. 260.

Contudo, é aconselhável prever a articulação da cozinha com outras atividades bem como possibilitar que a preparação dos alimentos seja feita por uma ou mais pessoas, não estando o balcão da cozinha e o espaço adjacente restrito a apenas uma pessoa.

As refeições realizadas na habitação tanto podem ser refeições correntes, ou seja, informais, em que se encontra reunida toda a família ou parte dela, como podem ser refeições formais, nas quais se reúne a restante família e convidados.

A área associada às refeições não se encontra definida, podendo variar com o espaço disponível na habitação. Assim, o equipamento necessário como mesa, cadeiras e armário para a loiça, pode variar, dependendo das preferências dos moradores e do número previsto de utilizadores do equipamento.

Um outro aspeto importante a referir neste compartimento é a comunicação com outras zonas da casa. Podendo o local de refeições ser distante da cozinha é importante a existência de ligação entre ambos, ou pelo menos providenciar que a distância entre os dois seja relativamente curta, assim como possibilitar a ligação com outras áreas da habitação, nomeadamente, a sala de estar (fig.24 e 25).

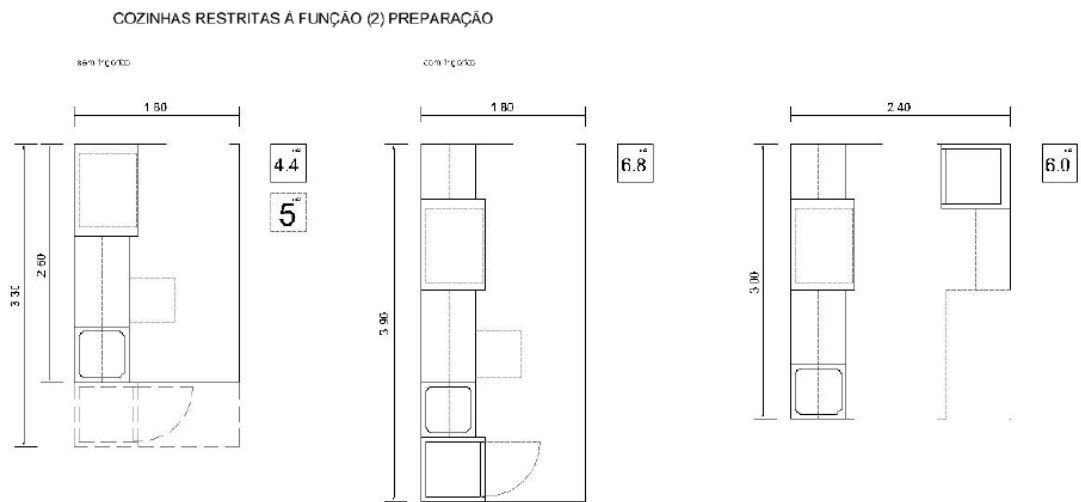


Fig. 24- Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de cozinha para preparação de refeições

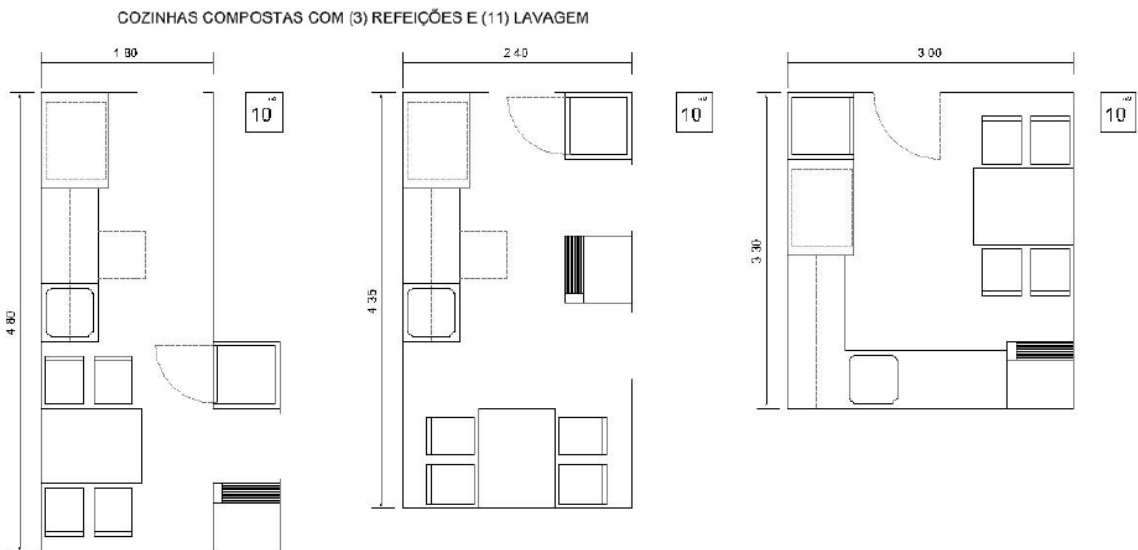


Fig. 25 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de cozinha para refeições e lavagem

## Estar: Reunir, Tempos Livres

Cada individuo adquire atividades diferenciadas dos seus tempos de lazer, por isso a atribuição das suas necessidades é variável.

O espaço de lazer garante o conforto em diferentes situações, desde a reunião dos moradores ao isolamento individual, passando pela ligação, visual ou física, com o exterior. Contudo, é difícil definir com exatidão o espaço próprio para estas atividades. Apesar de a sala ser o local mais indicado, muitas famílias optam por reunirem-se na cozinha ou na sala de jantar, sendo assim difícil delimitar as funções e os locais a que correspondem.

Algumas famílias optam por ter acesso à televisão durante as refeições, enquanto outra privilegiam atividades como a leitura, música e internet. Estas atividades estão cada vez mais presentes e fundem as funções de estar e reunir, bem como motivam também relações com outras funções.

Esta zona da casa, quer no seu conteúdo, quer no espaço ou espaços que lhe correspondem, é uma das mais vulneráveis à evolução dos costumes, à mobilidade social das famílias e também às exigências contraditórias que se observam nas suas fases de transição. O seu objetivo principal é a reunião da família e a sua crescente comunicação com o mundo exterior, quer através de outras pessoas, quer através dos meios de informação e cultura.

Quanto à delimitação do espaço, o regulamento nacional em vigor define a área mínima da sala conforme a tipologia do fogo: para um fogo, com dois a três compartimentos, a área é de 10m<sup>2</sup>.

Um dos aspetos que dificulta a definição de áreas mínimas, é o mobiliário necessário (sofás, cadeiras, mesas de apoio e outros elementos eletrónicos). Assim, esta zona da casa é a mais difícil de definição em termos de áreas mínimas necessárias, pelo que a importância da flexibilização e polivalência dos espaços numa casa torna-se um conceito importante na procura de respostas a estes problemas (fig.26).

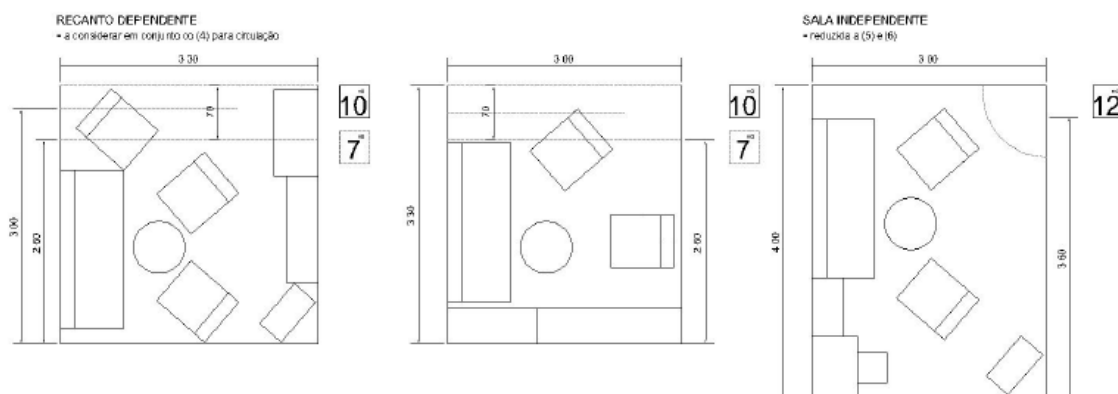


Fig. 26 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de zona de estar

## Estudo / Trabalho

O estudo e o trabalho têm em comum o facto de não terem necessariamente um espaço autónomo que lhes corresponda.

Apesar de se tratar de espaços comuns, as exigências também são semelhantes, uma vez que requerem independência e isolamento, face à concentração necessária para estas atividades, assim como de equipamento específico: mesa ou secretária, cadeira e, se necessário, uma estante de apoio.

Em relação à atividade de estudo, os jovens geralmente têm preferência por espaços como os quartos, a sala de estar (caso seja possível a concentração) ou um espaço próprio, o escritório (se estiver previsto no programa da habitação).

Os adultos optam, normalmente, para as suas atividades de trabalho, por uma zona na sala de estar ou pelo escritório (fig. 27).

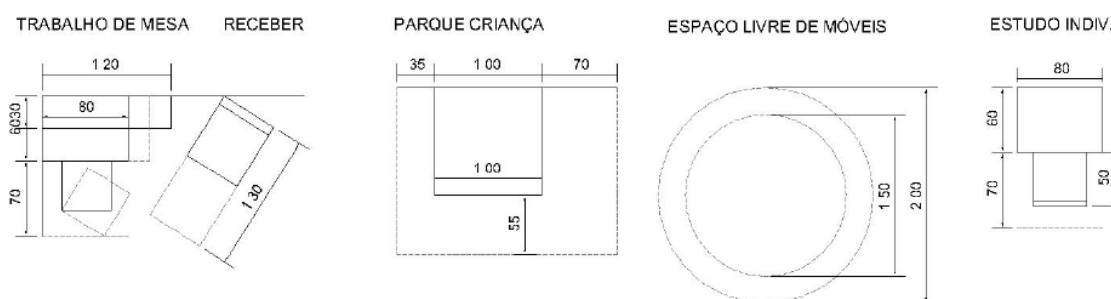


Fig. 27 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de zona de

## Tratamentos de Roupa

No tratamento de roupa estão normalmente incluídas as tarefas de lavagem, secagem, passagem a ferro/engomar e costura.

Estas atividades, quando realizadas em casa costumam ser partilhadas com outras áreas da habitação.

A passagem a ferro/engomar e a costura, ao contrário das outras atividades enumeradas, normalmente não requerem um espaço autónomo e apropriado para a sua realização, pelo que, muitas vezes, os equipamentos são deslocados conforme o local desejado para a operação. Os locais preferenciais são a sala de estar e cozinha.

Por outro lado, as funções restantes fixam-se num local próprio, quer sejam realizadas com a ajuda de equipamentos eletrónicos, como máquina de lavar e secar, ou não. Muitas vezes quando não existe um local específico para estas funções, apropriam-se de outras zonas da casa, como as instalações sanitárias e/ou cozinha.

Segundo o RGEU, quando o espaço destinado ao tratamento de roupas se realiza num espaço delimitado, a parcela da área destinada a essa função, não deve ser inferior a 2m<sup>2</sup>.

No entanto, esta parcela de área corresponde ao suplemento de área obrigatório e, “*não pode dar origem a um espaço autónomo e encerrado, deve distribuir-se pela cozinha e sala, e terá então uma parcela afetada para o tratamento de roupas, na proporção que estiver mais de acordo com os objetivos da solução do projeto*”<sup>28</sup> (fig. 28)

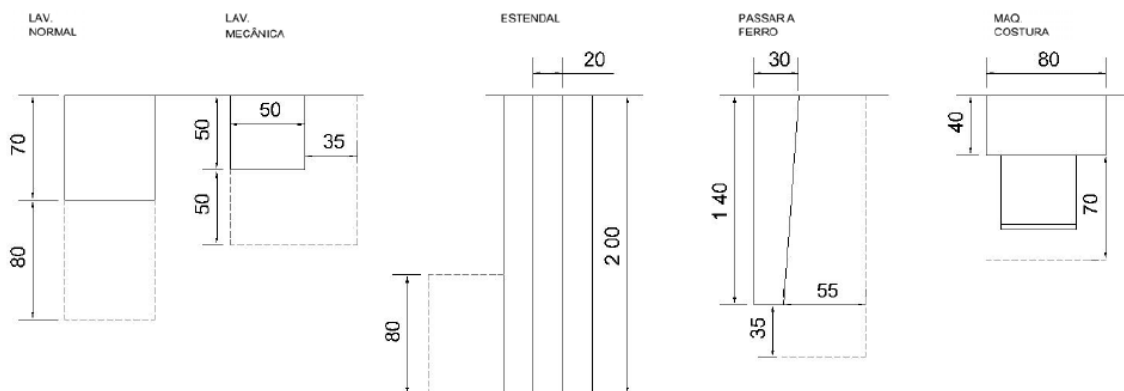


Fig. 28 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização tratamentos de roupa

## Higiene Pessoal

A higiene pessoal abrange a higiene corporal dos moradores e é realizada nas instalações sanitárias, nas quais pode existir lavatório, sanita, banheira, chuveiro e bidê.

Uma das dificuldades e contradições deste espaço provém das áreas mínimas estipuladas para ele, sendo consideradas áreas mínimas baixas, de forma a reduzir o espaço ao estritamente necessário para a utilização do equipamento exigido.

O regulamento nacional em vigor define para habitações com uma instalação sanitária (T0, T1 e T2) a área mínima de 3,5 m<sup>2</sup>. Para T3 e T4, a área mínima é de 4,5 m<sup>2</sup>, subdividida em dois espaços com acesso independente. Para habitações T5 ou maior, a área é de 6 m<sup>2</sup> no mínimo, desdobrada em dois espaços com acesso também independente (fig. 29).

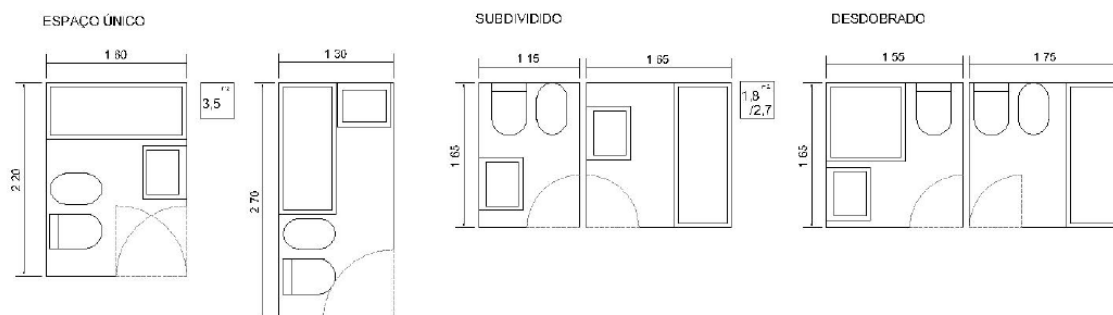


Fig. 29 - Necessidade de espaço resultante do equipamento, Proposta de organização de casa de banho

<sup>28</sup> Regulamento Geral das Edificações Urbanas. 2006, p. 31

**Folha em branco**

# Capítulo VI

## 6 Proposta

A habitação não é apenas um elemento estrutural de paisagem urbana, mas uma peça que organiza o território rural. Como tal, a casa e o ato de habitar é fundamental não só do ponto de vista da funcionalidade para quem habita, como para quem percorre o espaço público. É esta dualidade entre o interior e o exterior, entre a fachada e o pavimento, entre o público e o privado, entre o tradicional e o moderno, que acaba por marcar todos os projetos de habitação.

### 6.1 Conceito

As decisões tomadas na presente proposta resultam de uma reflexão sobre o estado atual do bairro, face aos aspetos negativos identificados pelos moradores. Propõem-se uma estratégia de distribuição funcional que resolva as necessidades impostas, sem esquecer a identidade do lugar. Estas necessidades provêm não só das dificuldades impostas pelo bairro, como também da ausência de características relevantes. Assim, propõe-se a reconstrução de todo o bairro, como forma de colmatar os problemas existentes.

A ideia de reconstruir o bairro não foi de origem. O surgimento deste conceito foi desenvolvido mediante a observação do estado de degradação das habitações e do impacto que estas têm nas pessoas. A reconstrução do bairro surge assim, não como forma de modificar e modernizar o lugar onde se insere, mas como uma resposta que melhora o conceito existente, recuperando o equilíbrio entre o estar e o habitar.

Partindo das respostas dos moradores, face ao questionário, e da análise do tipo de convivência entre estes, verificaram-se semelhanças nas rotinas dos diferentes moradores e a importância dos seus hábitos.

Muitos moradores não valorizam o exterior, porque este não oferece as condições pretendidas, e conseqüentemente, as pessoas permanecem isoladas, na maior parte do tempo dentro das suas habitações. Esta é a forma de se viver no bairro e não existe o certo, nem o errado. A proposta de reconstrução não pretende alterar estes costumes, mas melhorar esse estilo de vida, dentro e fora das habitações, proporcionando espaços onde as pessoas possam interagir e socializar.

Tratando-se de uma reconstrução necessária, a intervenção foi abordada com o intuito de acolher não só os habitantes do bairro, mas também motivar os restantes joanenses a usufruírem deste espaço. Esta proposta possibilita a criação de algo novo, não só para conservar o presente, mas também para sustentar o futuro.



## **Vantagens da Reconstrução:**

### **Promove a Igualdade Habitacional**

Tendo em consideração o número de elementos do agregado familiar, todas as habitações têm as mesmas condições estruturais e as mesmas áreas.

### **Resolve Problemas de Circulação**

Aumentando as dimensões da rua, evita-se o afluxo de estacionamento, na única via de acesso ao bairro, e cria-se uma via de acesso a pedestres.

### **Aumenta o N<sup>o</sup> Habitacional de Pessoas**

Permite aumentar o número de pessoas, carenciadas, que integram o bairro.

### **Criação de Sistema Estrutural Seguro**

Possibilita que todos os habitantes usufruam de um sistema estrutural mais seguro. Ex. sem problemas de humidade ou isolamento.

### **Promove Interação Social no Bairro**

Todas as tipologias estão interligadas direta e indiretamente através dos pátios que rodeiam as habitações, facilitando a interação entre os moradores.

Melhoria dos espaços públicos (pátios) entre as habitações.

Criação de uma área comunitária, com o objetivo de promover o interesse das pessoas para as atividades sociais e suportar apoios externos, como por exemplo, apoios domiciliários.

### **Melhoria da Acessibilidade**

Exclusão de degraus elevados.

Exclusão de rua acentuada.

Exclusão de estrangulação de áreas de acesso.

### **Linguagem Simples e Clara do Bairro**

Permite o uso de uma linguagem arquitetónica de alinhamentos, estrutura, forma, simetria, repetição e ordem.

### **Novo Futuro**

Novas Habitações, Novas Construções, Novas Oportunidades – Novo Futuro.

Tabela 2 – Vantagens da Reconstrução

## **Desvantagens da Reconstrução:**

### **Maior Custo de Obra**

Optando por uma reconstrução do bairro, o custo face aos problemas que apresenta será elevado.

### **Maior o Tempo de Construção**

Atendendo à proposta do projeto, o tempo de construção varia consoantes vários fatores.

As pessoas necessitam de ficar em instalações provisórias.

### **Não Preservação da História Local**

É parte da memória local que se perde.

Tabela 3– Desvantagens da Reconstrução

## Caracterização do bairro projetado

O projeto propõe dividir o bairro em duas partes distintas. Uma parte é constituída por habitações sociais, onde prevalece a privacidade local, e a outra parte é composta por uma área de apoio comunitário, na qual estão integrados vários espaços sociais.

A organização espacial do bairro segue uma linguagem referente ao conceito existente, utiliza a sua simetria com a simplicidade das formas entre o habitável e não habitável.

A distinção das duas partes cria um equilíbrio entre as suas formas. Este senso de proporção permite dar destaque à área social, como se fosse o núcleo do bairro, fornecendo espaços exteriores reservados. Este equilíbrio, de jogos entre cheios e vazios, permite que as áreas habitacionais se relacionem diretamente e indiretamente com os pátios exteriores, através da abertura dos seus vãos (fig.30).

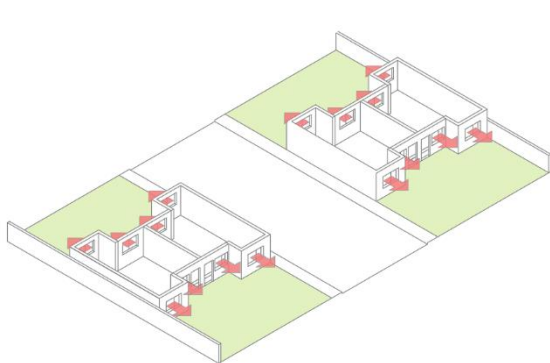


Figura 30– Esquema - Interação com Pátios

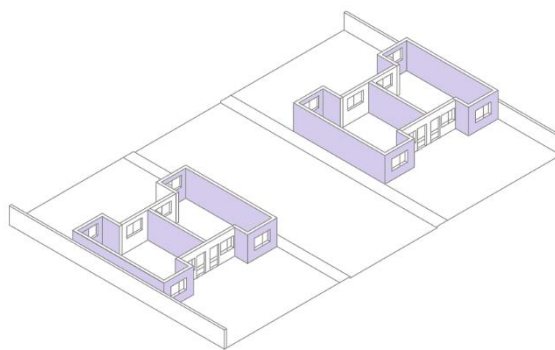


Figura 31 – Esquema - Sistema Construtivo

Uma das decisões importantes nesta proposta foi o alargamento da única rua de acesso ao bairro, uma vez que esta impossibilita o estacionamento e manobra de inversão de marcha dos veículos, assim como condiciona a mobilidade de alguns pedestres.

Com esta abordagem, foi possível criar espaços próprios para o estacionamento, referente a cada habitação, bem como dois passeios laterais para os pedestres (fig.32). Sendo as partes laterais das habitações, as menos privilegiadas, fazendo referência ao muro de contenção e à rua do bairro, estas resguardam-se com fachadas cegas, dando relevância às aberturas dos vãos para os pátios (fig. 33 e 34).

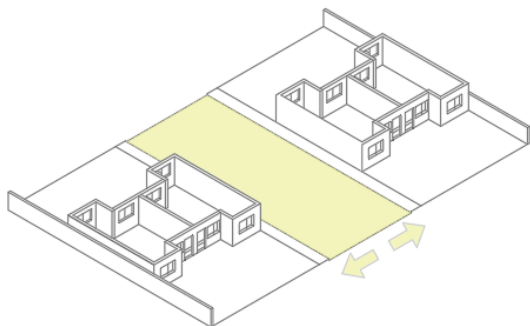


Figura 32 - Esquema - Alargamento de Rua

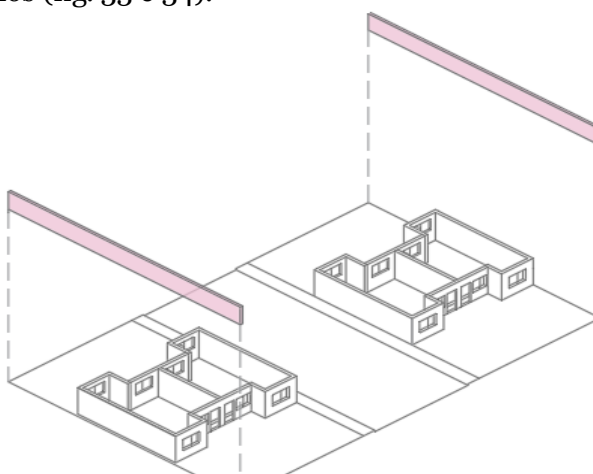


Figura 33 – Esquema - Muro de Contenção

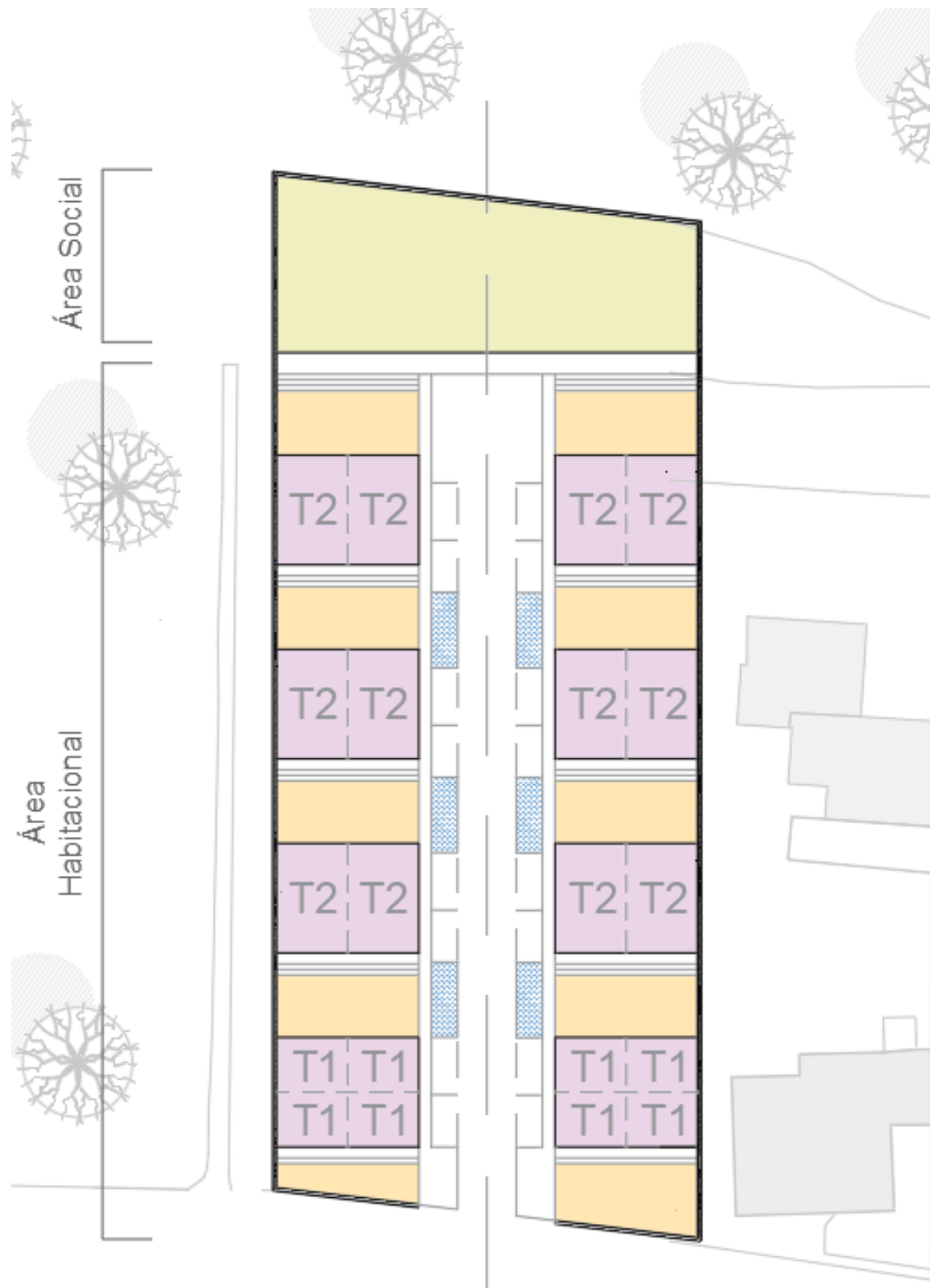


Figura 34 – Esquema de Proposta

## Área Habitacional

As habitações sociais foram projetadas com duas tipologias distintas, mas semelhantes entre si.

O conceito habitacional consiste na simetria presente do bairro para o interior das habitações, com uma linguagem simples e clara das suas formas. Nestas moradias é possível distinguir duas partes, a área privativa e a área comum, as quais se relacionam com os pátios exteriores, em vez da área de acesso à rua do bairro.

Fazendo referência a esta ideologia, o sistema estrutural, composto por blocos de cimento, também se divide em duas partes. Cada bloco habitacional abraça e protege a sua estrutura como uma só, sendo que em cada um é possível encontrar duas ou mais tipologias, com fachadas cegas nas laterais, dando relevância para os pátios exteriores (fig.35 e 36).

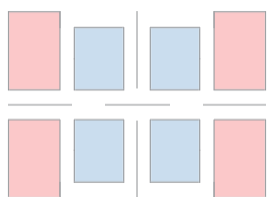


Figura 35 - Esquema – Organização Tipologia T1

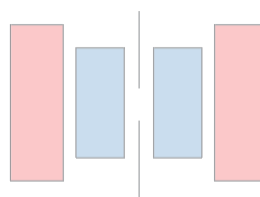


Figura 36 - Esquema – Organização Tipologia T2

## Área Comunitária

A área de apoio comunitário é o destaque do bairro. Através do seu volume e posicionamento central, facilita a sua visibilidade e convida as pessoas a percorrerem o bairro, para usufruírem dos espaços e das atividades sociais, nele presentes. Por outro lado, a sua estrutura está familiarizada com a sua envolvente, uma vez que aparenta o mesmo conceito estrutural das habitações.

Esta estrutura foi idealizada com o intuito de sustentar o futuro do bairro e estabelecer uma harmonia entre as habitações e o convívio social.

No entanto, esta perceção tem duas finalidades. A primeira é reatribuir presença ao lugar, dando apoio social tanto aos moradores como aos restantes joanenses. A segunda finalidade é fornecer uma área de apoio às pessoas mais carenciadas e servir de suporte às atividades, de entidades externas.

Para isso, a área comunitária oferece espaços sociais que permitem o desenvolvimento de atividades de bem-estar mental e físico à sociedade e uma área de apoio a refeições (fig.37).

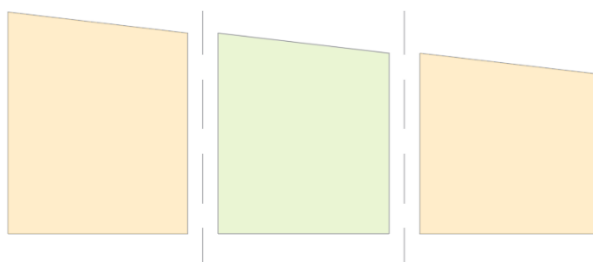


Figura 37 - Esquema – Organização da Área de apoio à Comunidade

## 6.2 Distribuição Funcional

### Área Habitacional

Foram projetadas vinte habitações sociais para acolher até quarenta e quatro moradores, sendo estas: oito habitações de tipologia T1 e doze de tipologia T2.

Ambas as tipologias são constituídas por um único piso térreo, onde prevalece todo o seu programa, adotando-se a mesma linguagem de funcionalidade entre elas. Este programa é, assim, definido por duas áreas: a área comum, da qual fazem parte a cozinha e sala de estar; e área mais restrita, que remete para os quartos e para a instalação sanitária (tabela 4 e fig.38).

Habitação (m <sup>2</sup> )		
Tipologia	Divisão	Área
T1	Sala de Estar/Cozinha	12
T1	Instalação Sanitária	5,3
T1	Quarto Individual	7
Total		27
T2	Sala de Estar/Cozinha	20.1
T2	Instalação Sanitária	5,5
T2	Quarto Individual	7,5
T2	Quarto Casal	10,5
Total		49

Tabela 4 – Distribuição da Área Habitacional

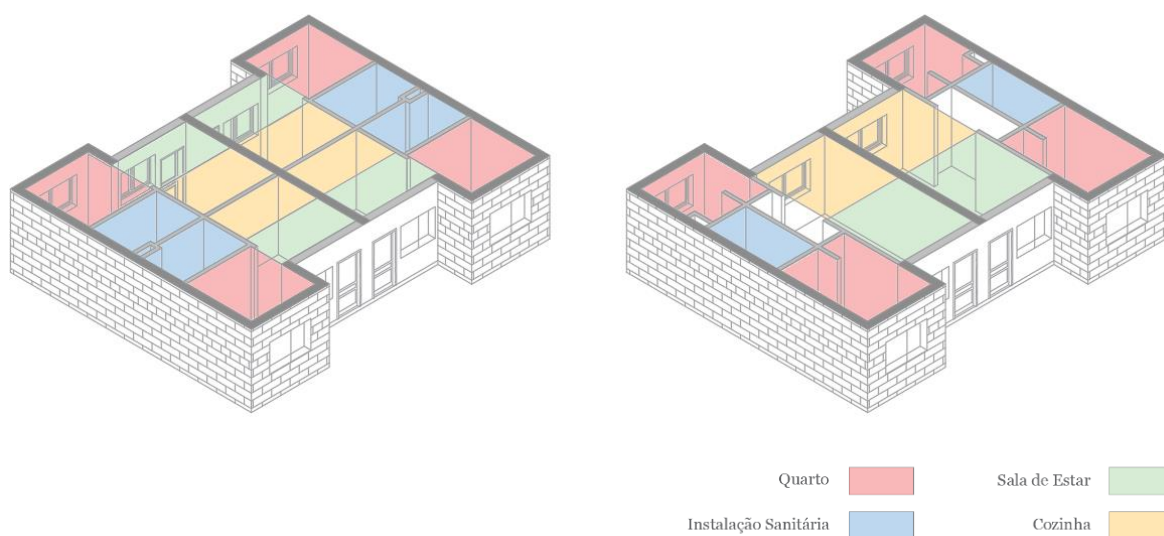


Figura 38 - Esquemas – Divisão Habitacional

## Área Comunitária

A área comunitária ocupa uma superfície total de 804m<sup>2</sup>. O seu programa está dividido em dois pisos, os quais partilham as mesmas funções e espaços, exceto a área de apoio às refeições que se encontra no piso térreo.

Pode-se considerar, que esta área comunitária oferece três espaços distintos, embora diretamente relacionados: os espaços sociais, o pátio e a área de apoio às refeições (tabela 5 e fig. 39).

### Área Comunitária (m<sup>2</sup>)

Piso	Divisão	Área
R/C	Apoio a Refeições	144,73
R/C	Pátio	166,76
R/C	Espaços Sociais	95,43
R/C	Instalação Sanitária	39,07
R/C	Arrumos	13,89
Piso 1	Corredor	32,78
Total		492,66
Piso 1	Espaços Sociais	245,45
Piso 1	Instalação Sanitária	39,07
Piso 1	Arrumos	35,09
Piso 1	Corredor	71,89
Total		391,5

Tabela 5– Distribuição da Área Social

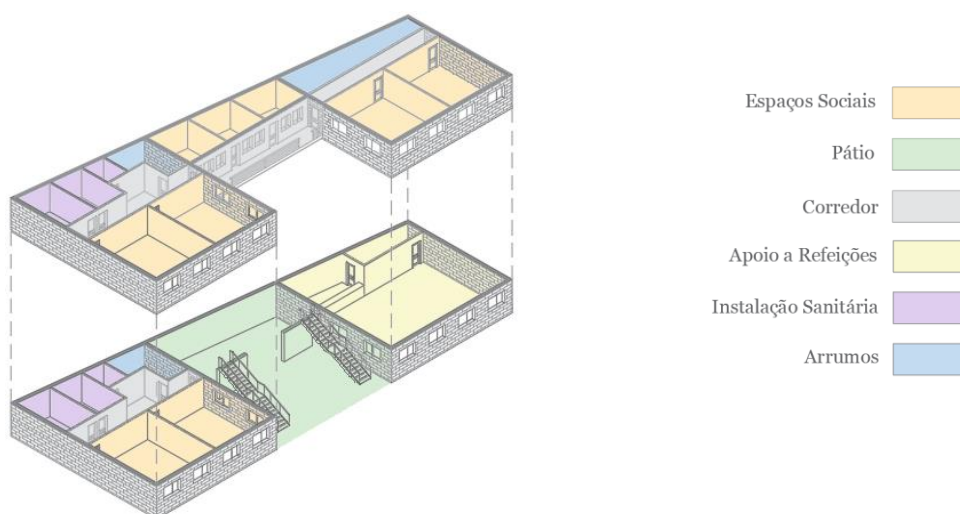


Figura 39 - Esquema– Divisória da Área Social

## 6.3 Caracterização Construtiva

### 6.3.1 Sistema Estrutural

#### Habitação

A parede estrutural das habitações sociais é composta por parede dupla de bloco, tamanho 10, de cimento. Esta estrutura situa-se, apenas, nas extremidades opostas e na parede central de cada bloco habitacional, que suporta uma viga em aço, que por sua vez suporta o telhado cerâmico (fig. 40).

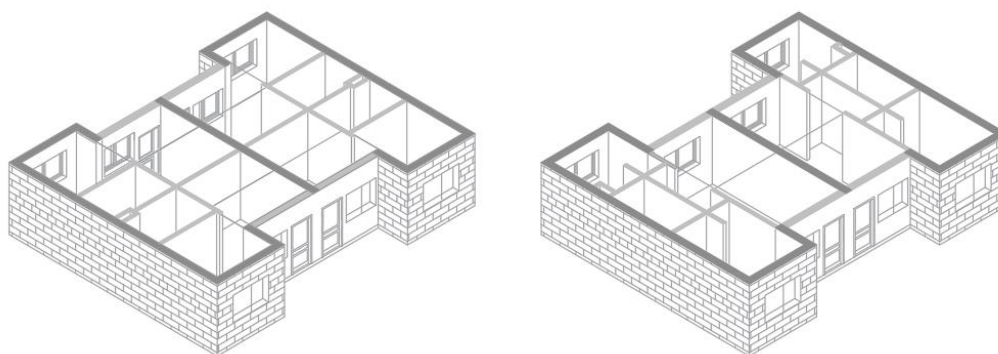


Figura 40 - Esquema – Sistema Estrutural - Habitação

#### Área Comunitária

A parede estrutural da área de apoio comunitário é composta por parede dupla de bloco, tamanho 10, de cimento. Esta estrutura situa-se em toda a sua extremidade e suporta vigas de aço não só na sua extremidade, mas também em locais estratégicos para a sustentação do telhado cerâmico (fig.41).

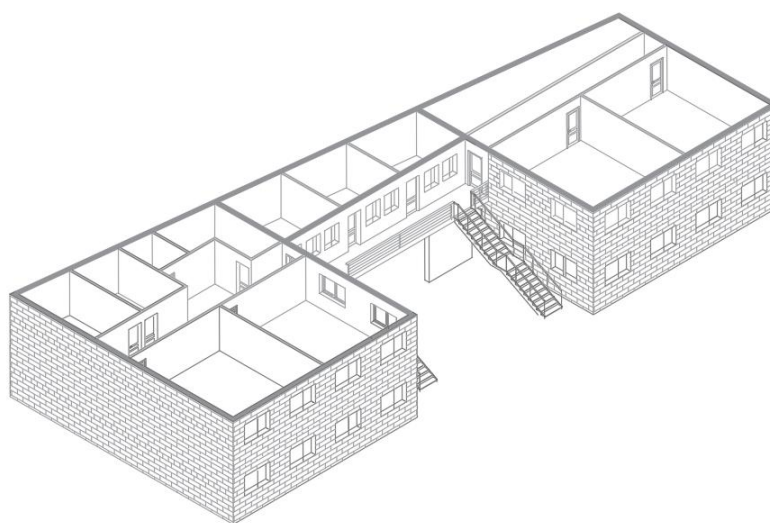


Figura 41- Esquema – Sistema Estrutural – Área Comunitária



### **6.3.2 Revestimento Exterior, Acabamentos e Pavimentos**

As paredes exteriores são compostas por bloco, tamanho 10, de cimento aparente, o miolo é composto por caixa-de-ar e isolamento XPS, e o interior das paredes por bloco, tamanho 10, de cimento rebocada por cor branca.

No interior dos edifícios, as divisões das paredes apresentam um único suporte de divisão. Os espaços são divididos por tijolo cerâmico, tamanho 11, rebocados por cor branca, em ambos os lados.

A solução na decisão desta abordagem deriva do conceito referido.

Com a intenção de fazer referência à pedra envolvente no bairro, sendo este um destaque sólido, a sua estrutura segue a mesma linguagem, sendo essas paredes estruturais o destaque e a base de suporte para as vigas e para o telhado.

Para isso, utilizou-se blocos de cimento devido à sua grande versatilidade e facilidade de aplicação. Tendo estes grande resistência mecânica, permitem a execução de paredes com resistência estrutural nas extremidades opostas das habitações e em todo o redor da área comunitária. A viga, por sua vez, é o suporte de estabilidade para o telhado cerâmico que se insere com a envolvente.

Relativamente ao piso exterior do bairro, é utilizado no passeio a calçada portuguesa em basalto e para os pátios, o betão armado de nivelção do terreno.

O piso interior utilizado nas habitações sociais é o azulejo em cor branca e os pisos da área comunitária são de betão aparente da laje.

### **6.3.3 Carpintaria e Serralharia**

As caixilharias das janelas de duas folhas, o oscilo-batente e a porta de entrada são constituídos em madeira de carvalho.

Para as portas exteriores é utilizado madeira de carvalho, com relevo nas formas, com velatura aquosa e acabamento em verniz mate. Este aspeto, quando associado com a caixilharia das janelas, cria um contraste de harmonia com a textura do bloco de cimento. As portas interiores são lisas de madeira de carvalho.

A mobília deverá ser de madeira de carvalho maciça, com velatura aquosa e acabamento em verniz mate.

**Folha em branco**

## Capítulo VII

### Conclusão

Após a realização desta dissertação, surgem algumas considerações finais, que traduzem ao máximo as ideias, conceitos, interpretações e experiências vivias ao longo de todo o estudo.

Como ponto de partida, para a elaboração da presente dissertação, foram definidos objetivos e estratégias, bem como uma contextualização e introdução à temática da habitação social em Portugal, de forma a compreender a situação habitacional, nos finais do século XIX, aquando da grande explosão demográfica, nas principais cidades do país.

Apesar do estudo ter referências ao passado, verifica-se uma evolução até à atualidade, no sentido de se valorizarem mais as necessidades do ser humano.

Sobre a temática da habitação social, encontram-se, na literatura, diversas interpretações e opiniões distintas, entre autores. Contudo, de um modo geral, a ideia defendida é de que as habitações devem estar integradas no tecido urbano e respeitar certos requisitos mínimos, de modo a contribuir para um sentimento de pertença e de satisfação residencial.

Nos casos em que tal não acontece, independentemente das razões, sejam elas por falta de verbas ou terrenos disponíveis, a concentração de uma população realojada em territórios periféricos e segregados, contribui para o aumento dos problemas sociais. Para além da localização periférica, a falta de espaços públicos cuidados e de qualidade, assim como de equipamentos, resultam num aumento do isolamento da população realojada e facilitam a sua exclusão social. Este isolamento social, bem como os problemas ao nível do relacionamento entre moradores, também se verificaram no bairro social Francisco Simões.

Para a integração de um bairro na sua sociedade é fundamental, implementar um plano abrangente, com alterações ao nível da estrutura edificada, bem como a qualificação do espaço público (criação de estabelecimentos comerciais ou de atividades económicas ou sociais). Assim, é necessário combater a baixa funcionalidade que, muitas vezes, estes bairros assumem, de modo a contribuir para o aumento dos fluxos urbanos e facilitar a integração no tecido urbano. No caso específico do bairro social Francisco Simões, o espaço público nem sempre é utilizado porque o seu exterior não promove o convívio nem a interação dos espaços. Estes problemas derivam do estado de degradação em que o bairro se encontra.

Depois desta primeira análise, foram aprofundados, na segunda parte, os conceitos e exigências habitacionais, assim como a importância da necessidade de elementos essenciais na habitação.

Ao arquiteto é indispensável a análise de toda a morfologia do local, onde o edifício se insere, bem como o estudo de adaptação, face às necessidades dos moradores, para enriquecer o modo de habitar.

Tendo como partida o estudo dos bairros sociais, o aspeto de maior relevância para melhorar a qualidade de vida de um morador diz respeito aos seus interiores, enquanto que o foco do seu exterior está direcionado à sociedade. Na organização do espaço habitacional, deve-se ter consciência das necessidades das pessoas que o vão habitar.

No bairro social Francisco Simões, o interior das habitações encontra-se em elevado estado de degradação e ao longo dos anos foram acoplados novos anexos aos edifícios. Alguns destes anexos estão sem qualquer tipo de função ou uso. Assim, as novas intervenções, neste bairro social, devem ter em consideração todos os aspetos aqui mencionados e não devem desvalorizar o papel crucial dos moradores para a identificação de problemas e possíveis soluções.

A nível pessoal, académico e também profissional, este projeto foi bastante motivador e interessante de desenvolver porque permitiu aumentar a minha consciência para a problemática dos bairros sociais e compreender o impacto que um arquiteto pode ter na promoção da qualidade de vidas das pessoas, bem como na tentativa de resolução de alguns problemas essenciais da nossa sociedade.

Este projeto facilitou, ainda, a definição de uma postura, que esteve em desenvolvimento ao longo dos últimos anos, despertando em mim um maior interesse pela necessidade de dominar várias áreas, procurando sempre responder aos desafios impostos pela nossa sociedade.

## Referências Bibliográficas

### Livros:

BAEZA, Alberto Campo. **A ideia Construída**. Casal da Cambra: Caleidoscópio, 2008

BEINHAUER, Peter. **Atlas de detalhes construtivos**. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, SL, 2012

CARVALHO, Ricardo; RAMALHETE, Filipa. **Habitar, Pensar, Investigar, Fazer**. Colóquio Internacional, Departamento de Arquitetura, Universidade Autónoma de Lisboa, (s.l), 2012

COELHO, António Baptista; PEDRO, João Branco. **Do Bairro e da Vizinhança à Habitação**, LNEC, Lisboa, 1998

COELHO, António Baptista. **1984-2004, 20 anos a promover a construção de habitação social**. Instituto Nacional de Habitação, LNEC, 2005

COELHO, António Baptista; COELHO Pedro Baptista. **Habitação de Interesse Social em Portugal**; Livros Horizontes, 2005

COELHO, António Baptista. **Habitação Humanizada**. LNEC, Lisboa, 2008

COELHO, António Baptista. **Entre a Casa e a Cidade, a Humanização do Habitar**. LNEC, Dafne editora, Porto, 2009

COSTA, Alfredo Bruto da, CARRILHO, Paula, PERISTA Pedro e BAPTISTA Isabel. **Um Olhar sobre a Pobreza, Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo**. Gradiva, 2012

CROFT, Vasco. **Arquitetura e Humanismo O papel do arquiteto, hoje em Portugal**, Ed. Terramar, Lisboa, 2001

FREITAG, Michel. **Arquitetura E Sociedade**. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2004

JACOBS, Jane. **Morte E Vida De Grandes Cidades**. WMF Martins Fontes Ltda 1961

PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. **Dimensionamento humano para espaços interiores**. Barcelona, Espanha: Editorial Gustavo Gili, SL, 2002

PORTAS, Nuno. **Industrialização da Construção – Política Habitacional**. 1964

TÁVORA, Fernando. **Da Organização do Espaço**. Porto: FAUP publicações, 2006

ZUMTHOR, Peter. **Pensar a arquitectura**. Barcelona, Espanha. Editorial Gustavo Gili, 2005

## Dissertações:

CABRITA, Reis. **O Homem e a Casa – definição individual e social da qualidade da habitação**. Lisboa: LNEC, 1995

CAMPOS, Anabela Pereira. **Habitação Social no Conselho da Covilhã. Inclusão ou exclusão?** Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013

CAROLINA Leite, Eva, **Modos de habitar e identidade no percurso migratório**, Braga, Dissertação de Doutoramento apresentada na Universidade do Minho, 1998

FAMÍNIO, Isabel. **O Espaço da Cozinha na Habitação Plurifamiliar Urbana**. Faculdade da Universidade do Porto. 2006

FONSECA, Nadja Maria Ribeiro. **Habitação Mínima, O Paradoxo entre a funcionalidade e o Bem-Estar**, Dissertação de Mestrado, FCTUC, Coimbra, 2011

GAVINA, Ana Catarina Novais. **Conceito de Mínimo na Arquitetura: proposta para a Quinta do Canavial (Covilhã)**. Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura, UBI, Covilhã, 2016

GONÇALVES, Filipa de Jesus Gomes. **Habitação social: Proposta na Covilhã**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, UBI, 2017

JOSÉ, Ana Margarida Fleming. **O Mínimo como Habitação**. Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura, UBI, Covilhã, 2012

LOPES, Ricardo Nogueira de Sousa. **Aprender com os erros**. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Qualificação da Cidade, UCPFE, 2011

LOUREIRO, Bárbara Mateus. **Habitação: Privilégio ou Direito? -Bairro da Boavista: uma nova perspetiva da habitação social**. Dissertação para o mestrado em design de interiores, ESADFRESS, Lisboa, 2017

MARTINS, Joana Ribeiro. **Habitação social em Portugal: da intenção de inserção ao sentimento de exclusão**. Lisboa, 2014

MARTINS, Joana Ribeiro. **Habitação social em Portugal: da intenção de inserção ao sentimento de exclusão**. Lisboa, 2014, p.17,89 e 90

MARTINS, Joana Ribeiro. **Habitação social em Portugal: da intenção de inserção ao sentimento de exclusão**. Dissertação de mestrado de Arquitetura. Lusíada, 2014

MOREIRA, Ana Silva. **À Procura dos Novos Modos de Habitar**, Dissertação de Mestrado em Arquitetura de Interiores pela FAUL, Lisboa, 2013

OLIVEIRA, Maria Beatriz Marques de. **Espaço público em Áreas de Habitação social**. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura com Especialização em Urbanismo, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017

PEDRO, João Branco. **Definição e Avaliação da Qualidade Arquitetónica Habitacional**, Lisboa: LNEC, 2005

PINTO, Maria Teresa Costa, **Modelos de Habitat, Modos de Habitar – dinâmica individual e imaginário social na promoção clandestina do habitat**, Lisboa,

1992 (Trabalho para a prestação de Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentado no ISCTE, texto policopiado).

RODRIGUES, Joana Carolina Nunes. **Reabilitação Urbana Proposta de Habitação e Ateliê na Cidade da Covilhã**, Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Arquitetura, UBI, Covilhã, 201

SOUSA, Sara da Costa Oom de. **A Dimensão Social da Reabilitação Urbana**. Dissertação para obtenção do Grau Mestre em Arquitetura, Técnico Lisboa, Lisboa, 2014

### Sites:

Portal da habitação – **Instituto da Habitação e da reabilitação urbana**.

SEABRA, Miguel. **Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza**. Faculdade de Arquitetura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa, 2006

# **Anexos**



# Anexo I

## Questionário

### Presidente da Junta de freguesia de Joane

#### Qual a história do bairro?

Pertencia ao magnata Francisco Simões, da cana do açúcar, que construiu o bairro para ajudar a sua família. Depois da sua morte, a junta de freguesia tomou posse do terreno.

#### Existe alguma possibilidade de realojar as pessoas do bairro num sítio provisório, enquanto decorrem as construções do bairro?

Sim, existe o apoio da Câmara Municipal de V.N. de Famalicão para ajudar as pessoas necessitadas nestas ocasiões.

#### Que contributo a junta de freguesia de Joane fornece ao bairro?

As pessoas do bairro não têm qualquer custo associado à renda. Simplesmente têm de pagar as suas despesas. Nos casos de dificuldade financeira, a junta de freguesia contribui para o pagamento da conta da eletricidade.

#### Existe de alguma forma, a possibilidade de as pessoas do bairro contribuírem através do auxílio aos serviços prestados pela junta de freguesia?

Sim. Contribuírem para atos de solidariedade. Todos os meses existem atos de solidariedade.

Fornecer algum tipo de ajuda que possa ser usufruído pela junta de freguesia – Voluntariado para serviços/ tarefas prestadas pela junta, ajudar na organização nas festas da freguesia.

#### Existe algum espaço de voluntariado que contribua para ajudar as refeições neste bairro?

Sim. Existe uma organização “Refood” que ajuda na recolha de alimentos pelos supermercados e empresas em Famalicão – Joane.

Em Castelões existe uma cantina social de apoio às pessoas necessitadas da qual leva fornecimentos para algumas pessoas do bairro.

#### Tem conhecimento da existência de outras pessoas, com poucas possibilidades financeiras, que queiram morar no bairro?

Sim, neste momento temos 8 pedidos.

**Que condições o bairro que pertencente à rua Francisco Simões apresenta?**

Praticamente as mesmas do que o bairro Francisco Simões.

**Existe pessoas das mesmas famílias nesses dois bairros?**

Não.

**Como é realizada a seleção das pessoas para habitar o bairro?**

Na junta de freguesia existe alguns documentos para as pessoas se candidatarem a morar no bairro. A seleção é atribuída consoante a listagem por ordem dos pedidos e sua avaliação financeira.

**Tem contacto com as pessoas do bairro?**

Sim. Nós encontramos-nos muito em festas populares.

**Desde que a junta de freguesia tomou posse do bairro, já foi realizado algum contributo para minimizar os problemas estruturais que as habitações apresentam?**

A junta de freguesia tenta sempre ajudar quando tem possibilidades. Sabemos que o estado do bairro está bastante degradado, o mínimo que podemos fazer é, em alguns casos não cobrar algum imposto pelas habitações. As pessoas sabem em que estado o bairro se encontra.

**Num futuro próximo a possibilidade de fazer uma reconstrução no bairro seria um objetivo?**

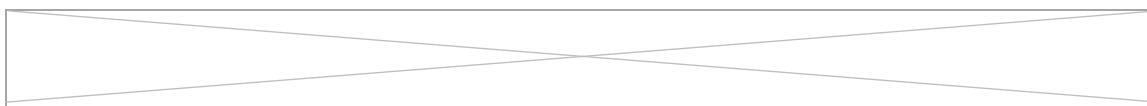
Neste momento, a junta de freguesia lida com vários problemas sobre a Vila de Joane. Nem sempre é possível ajudar os mais necessitados financeiramente, mas estamos sempre à disposição de todos. É um assunto delicado de se tratar e vários pedidos de ajuda já foram recusados porque a junta de freguesia não tem capacidade para lidar com este problema como uma prioridade.

## Anexo II

### Questionário

#### Moradores do Bairro Social Francisco Simões

Este questionário provém do estudo para dissertação de mestrado em arquitetura do aluno Pedro Fernando Martins Torrinha, da Universidade da Beira Interior. Este questionário tem como finalidade investigar e analisar as opiniões dos 25 habitantes do Bairro Francisco Simões, face às condições que o bairro apresenta.

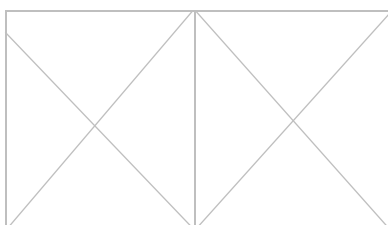


<b>Habitantes</b>	<b>Habitantes</b>
2	2
<b>Idade</b>	<b>Idade</b>
75/11	53/51
<b>Profissão</b>	<b>Profissão</b>
Refor./Estud.	Tr./Tr.

<b>Habitantes</b>	<b>Habitantes</b>
2	2
<b>Idade</b>	<b>Idade</b>
53/55	58/57
<b>Profissão</b>	<b>Profissão</b>
Refor./Tr.	Refor./Refor.

<b>Habitantes</b>	<b>Habitantes</b>
2	3
<b>Idade</b>	<b>Idade</b>
57/58	54/53/23
<b>Profissão</b>	<b>Profissão</b>
Tr./Tr.	Refor./Tr./Tr.

<b>Habitantes</b>
2
<b>Idade</b>
59
<b>Profissão</b>
Trabalhador



<b>Habitantes</b>	<b>Habitantes</b>
1	1
<b>Idade</b>	<b>Idade</b>
61	65
<b>Profissão</b>	<b>Profissão</b>
Reformado	Reformado

<b>Habitantes</b>	
1	
<b>Idade</b>	
77	
<b>Profissão</b>	
Reformado	

<b>Habitantes</b>
2
<b>Idade</b>
78/6
<b>Profissão</b>
Reformado/Estudante

<b>Hab.</b>	<b>Hab.</b>	<b>Hab.</b>
1	1	1
<b>Idade</b>	<b>Idade</b>	<b>Idade</b>
43	58	55
<b>Profissão</b>	<b>Profissão</b>	<b>Profissão</b>
Tr.	Reformado	Tr.

<b>Hab.</b>	<b>Hab.</b>	<b>Hab.</b>
1	1	1
<b>Idade</b>	<b>Idade</b>	<b>Idade</b>
50	53	78
<b>Profissão</b>	<b>Profissão</b>	<b>Profissão</b>
Reformado	Reformado	Reformado

Tr. – Trabalhador Refor. – Reformado Estud – Estudante Hab. - Habitante

O questionário encontra-se dividido em quatro subtemas: Conforto, Segurança, Acessibilidade e Estilo de Vida.

## A. Conforto

- **Existem problemas estruturais em sua casa?**

**Ex:** Humidade / Problemas de Isolamento / Pavimento degradado / Telhas Partidas / Problemas Acústicos / Problemas Estruturais / Áreas mínimas desfavoráveis.

**Respostas:**

Humidade 84%	Isolamento 84%	Telhas 76%	Problemas. Estruturais. 92%
-----------------	-------------------	---------------	--------------------------------


- **Existe mais algum problema no bairro que gostaria de referir?**

**Respostas:**

Problemas de saneamento, Privacidade.

- **Utiliza os espaços exteriores que o Bairro oferece?**

**Respostas:**

Poucas Vezes 80%	Algumas Vezes 20%	Muitas Vezes 
---------------------	----------------------	---

- **Sente desconforto com a falta de igualdade entre as habitações?**

**Ex:** Diferença de preço de renda, Diferença entre Habitações, Poses...

**Respostas:**

Pouco 48%	Algum 32%	Muito 20%
--------------	--------------	--------------

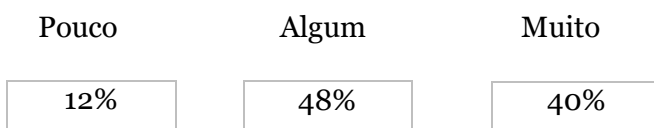
- **Com que frequência interage com as pessoas do bairro?**

**Respostas:**

Poucas Vezes 68%	Algumas Vezes 24%	Muitas Vezes 8%
---------------------	----------------------	--------------------

- **Sente-se confortável com a forma como o bairro está organizado?**

**Respostas:**



- **Em caso de Reconstrução gostaria de manter a linguagem que o bairro hoje apresenta?**

**Respostas:**



- **Estaria disposto a dar um pequeno contributo para que o bairro oferecesse melhores condições de vida?**

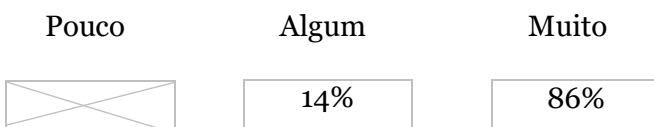
**Respostas:**



- **Sentir-se-ia confortável com a criação de espaços comuns que promovessem o convívio?**

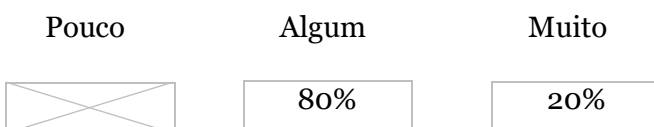
Ex: Apoio a refeições, Espaços cobertos de Lazer...

**Respostas:**



- **Sentir-se-ia confortável em partilhar espaços públicos do bairro com outras pessoas, desenvolvendo assim melhores formas de comunicação e integração?**

**Respostas:**



- **Em caso de Reconstrução do Bairro sentir-se-ia confortável em morar num sítio provisório, tendo este, não menos condições que a atual habitação em que se encontra?**

**Respostas:**

Pouco Confortável	Confortável	Muito Confortável
28%	24%	48%

## **B. Segurança**

- **Sente-se seguro no Bairro?**

**Respostas:**

Sim	Não
68%	32%

Não, Porquê?

Roubo de pertencentes no exterior.

- **Sente-se seguro dentro da sua própria casa?**

**Respostas:**

Sim	Não
88%	12%

Não, Porquê?

Já fui assaltado

- **Já teve algum conflito/discussão com alguém do Bairro?**

**Respostas:**

Sim	Não
8%	92%

- **Existe algum problema no bairro onde a sua segurança esteja comprometida?**

**Respostas:**

Sim

Não

24%

76%

Sim, o quê?

A água da chuva que entra sobre as telhas pode causar um curto circuito no lugar dos eletrodomésticos e no fogão.

## **C. Acessibilidade**

- **A inclinação da rua provoca desconforto ou impossibilita a utilização da mesma?**

**Respostas:**

Sim

Não

36%

64%

- **Possui Carro/Moto?**

**Respostas:**

Sim

Não

32%

68%

- **Possui Garagem?**

**Respostas:**

Sim

Não

24%

76%

- **Sente algum incómodo pelo facto de não haver uma via para pedestres, partilhando a mesma com a via dos carros onde estes estacionam?**

**Respostas:**

Pouco	Algum	Muito
8%	32%	60%

- **A falta de estacionamento e de uma via pedestre é um dos problemas que o bairro apresenta. Na possibilidade de resolver este problema gostaria de ter espaços próprios para estacionar o carro e uma via só para pedestres?**

**Respostas:**

Sim	Não
88%	12%

- **Existe algum problema em concreto que dificulte a sua acessibilidade?**  
**Por Ex:** Degraus Altos, Exclusão de Rampa, Espaço Pequenos?

**Respostas:**

Sim	Não
36%	64%

**Tem algum problema físico que dificulte o seu quotidiano?**

**Respostas:**

Sim	Não
24%	76%

Sim, Qual?

Problemas de joelho, Problemas de coluna, Problema nas articulações

- **Qual a sua maior dificuldade quando está no bairro?**

**Respostas:**

Problemas de áreas desfavoráveis para a utilização da maca das ambulâncias, Degraus elevados



- **A deslocação que tem para obter alimento é incomodo devido ao distanciamento da mercadoria?**

**Respostas:**

Sim	Não
8%	92%

## **D. Estilo de Vida**

(Passado / Presente / Futuro)

- **Há quanto tempo habita neste Bairro?**

**Respostas:**

1 a 5 anos 24%	5 a 10 anos 20%	10 a 20 anos 40%	20 a 30 anos 16%
-------------------	--------------------	---------------------	---------------------

- **Tem apego pela memória do bairro?**

**Respostas:**

Pouco	Indiferente	Muito
40%	20%	40%

- **Como era o convívio no bairro no passado?**

**Respostas:**

Era melhor que hoje em dia. Não havia tantas discussões pelas posses dos pertencentes.

- **Como se sente hoje a morar no Bairro?**

**Respostas:**

Bem, mas insatisfeitos com as condições que apresenta.

- **Que hábitos possui no seu tempo de lazer?**

**Respostas:**

Ver Televisão, ir no café, ouvir música, estar com a família, arrumar a casa.

- **Concorda que o bairro atualmente não possui condições que suportem um estilo de vida necessário para as famílias que nele habitam?**

**Respostas:**

Sim

Não

88%

12%

- **O que mudaria no Bairro para o tornar melhor?**

**Respostas:**

Resolviam os problemas estruturais das habitações

- **Na possibilidade de ter um pequeno quintal só para si iria usufruí-lo para plantar e cultivar os seus alimentos?**

**Respostas:**

Sim

Não

36%

64%

- **Se tivesse oportunidade de morar noutra bairro com as mesmas condições que tem hoje, mudaria?**

**Respostas:**

Sim

Não

12%

88%

Sim? Porque

Mudaria por causa do convívio.

## Anexo III

# Declaração de consentimento informado



Freguesia de  
Joane

Concelho de Vila Nova de Famalicão

Doc. N.º 2019 0623

### DECLARAÇÃO

---**António José Braga Oliveira**, Presidente da Junta de Freguesia de Joane, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, no uso da competência que lhe confere a alínea l) do n.º 1 do artigo 18.º do Anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, e para cumprimento da alínea rr) do n.º 1 do artigo 16.º do Anexo I da mesma Lei, declara, **ter conhecimento que o aluno Pedro Fernando Martins Torrinha da Universidade da Beira Interior está a realizar um questionário de análise do Bairro Francisco Simões, com a finalidade de desenvolver a sua dissertação no mestrado de arquitetura.**-----

---Por ser verdade e para constar, passo a presente declaração, que assino e vai autenticada com o selo branco em uso. -----

---Joane, 7 de novembro de 2019.-----

TAXA: EUR=0,00

O Presidente,